

Movimentos no Ensino Fundamental Cenas das Escolas de Gaspar

Organizadoras:

Camila Schreiber Heckler

Rosangela Santos Beloto

Rosemeri Moser Melato



FormAção



PREFEITURA MUNICIPAL DE
GASPAR



Prefeito

Pedro Celso Zuchi

Vice-prefeita

Mariluci Deschamps Rosa

Secretária de Educação

Marlene Almeida

Coordenação Pedagógica de Gestão

Waldemar da Conceição Lima Carvalho

Coordenação Pedagógica do Ensino Fundamental e Organizadoras

Camila Schreiber Heckler

Rosângela Santos Beloto

Rosemeri Moser Melato

Diagramação e Capa

Lenice C. R. Gonçalves

Revisão

Luana Ewald

Editora

FURB

Gaspar

2016

Publicação online. Disponível em

<<http://www.gaspar.sc.gov.br/governo/estruturaorganizacional/secretariadeeducacao/documentos>>

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Universitária da FURB

M935

Movimentos no ensino fundamental: cenas das escolas de Gaspar / Camila Schreiber Heckler, Rosângela Santos Beloto, Rosemeri Moser Melato (organizadoras); Prefeitura Municipal de Gaspar. Secretária Municipal de Educação. – Blumenau: Furb, 2016.
85 p. : il.

Vários autores.
Inclui bibliografias.

1. Educação. 2. Ensino fundamental. 3. Educação fundamental - Gaspar. 4. Educação de crianças. I. Heckler, Camila Schreiber. II. Beloto, Rosângela Santos. III. Melato, Rosemeri Moser. IV. Prefeitura Municipal de Gaspar. Secretária Municipal de Educação. V. Título.

CDD 372.2

“Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”.

Paulo Freire

MENSAGEM DA SECRETÁRIA

A Secretaria de Educação de Gaspar leva muito a sério a Formação Continuada de seus profissionais. Acreditamos que somente a educação dará conta de construir uma sociedade menos desigual, onde todas e todos sejam incluídos e tenham seus direitos respeitados.

Em vista disso, temos promovido por muitos anos e com grande intensidade processos de Formação Continuada para discussão e reflexão das questões que nos afligem no dia a dia da escola. Estes movimentos têm permitido o avanço da Rede em direção à qualidade social e valorização do magistério, metas do Plano Municipal de Educação (PME), bem como do Plano Nacional de Educação (PNE).

Seguramente, não poderíamos alcançar nossos objetivos sem o trabalho responsável de todos os profissionais da Rede. Por isso, agradecemos a todos que comungaram com nosso projeto de escola, de educação, de sociedade nesses anos e especialmente aqueles que participaram da produção deste livro, expondo-se como multiplicadores para, generosamente, trocar experiências e visitar e/ou construir propostas. Todos esses profissionais, certamente, são e fazem a educação do município de Gaspar cada vez melhor.

Gratidão!

Marlene Almeida
Secretária de Educação

SUMÁRIO

MENSAGEM DA SECRETÁRIA.....	4
APRESENTAÇÃO	7
EDUCAÇÃO MUSICAL	
<i>Morgana Tillmann</i>	9
EDUCAÇÃO EM VALORES: A BUSCA DA EXCELÊNCIA PELA AMIZADE	
<i>Cosmo Rafael Gonzatto</i>	12
PROJETO SER CRIANÇA	
<i>Dione Nara Soares e Valdete Goll</i>	15
HISTÓRIA SONORIZADA DE CONTO INFANTIL	
<i>Mariana Lopes Junqueira</i>	18
CIDADANIA	
<i>Mariana Lopes Junqueira</i>	21
FOTOGRAFIA COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO	
<i>Guilherme A. Nöthen Becker</i>	23
PROJETO GEOMETRIA E REALIDADE	
<i>Gabriela da Rocha dos Santos</i>	25
REPENSANDO NOSSO AMBIENTE ESCOLAR	
<i>Valéria Castanho Rohr</i>	28
FOTOGRAFIAS E “TRANSTORNO DE PERSONALIDADE BORDERLINE” (AUTOMUTILAÇÃO)	
<i>Lígia Mendes dos Santos Bender</i>	30
FOTOGRAFIAS E ÂNGULOS	
<i>Josiane Bernz Siqueira</i>	33
MOSAICO NA ESCOLA	
<i>Marieta Pamplona Schmitt</i>	36
HISTÓRIA POLICIAL	
<i>Mariana Lopes Junqueira e Rafael de Mattos Miranda</i>	38
ARTE DIGITAL: CONTEMPORANEIDADE, ESCOLA E TECNOLOGIAS DIGITAIS	
<i>Juliana de Favere e Luiz Guilherme Augsburguer</i>	40
ELABORAÇÃO DE LIVRO	
<i>Renato da Costa Brambilla e Leonida Nistler</i>	43
GINCANA DE CIÊNCIAS NO FACEBOOK	
<i>Mary Susan Rossetim</i>	46
BLOG COMO FERRAMENTA DE TRABALHO	
<i>Patrícia Poffo da Silva</i>	49
A EXPERIÊNCIA TEATRAL NO CONTEXTO ESCOLAR – GERANDO ENCONTROS	
<i>Pita Belli (Patrícia de Borba)</i>	52
O TRÂNSITO NA RUA ITÁLIA	
<i>Sandra Maria Buchmann e Cheila Goedert Ribeiro</i>	54
PROJETO MEU AMIGO PEQUENO PRÍNCIPE: UMA VIVÊNCIA DE UM GRUPO DE PROFESSORES, BOLSISTAS PIBID, ALUNOS, PAIS E FUNCIONÁRIOS DA ESCOLA ERVINO VENTURI	
<i>Elisiana Cecília Wehmuth</i>	55
A SÉTIMA ARTE NA ESCOLA	
<i>Nestor Alberto Freese</i>	60

CÁPSULA DO TEMPO	
<i>Aline Luíza Simon</i>	63
SEMANA DE PREVENÇÃO E COMBATE AO USO DAS DROGAS LÍCITAS E ILÍCITAS	
<i>Professores e alunos da turma de aceleração (Atitude) na Escola Ferandino Dagnoni</i>	65
ESCOLA E INTERNET DE MÃOS DADAS NA PROPAGAÇÃO DA LEITURA	
<i>Maicon Tenfen</i>	69
LITERATURA NA ESCOLA	
<i>Alunos da Ed. Infantil ao 5º ano, professores e equipe gestora da Escola Belchior</i>	70
NAS ASAS DA IMAGINAÇÃO	
<i>Ione Deschamps</i>	74
SESSÃO DE ORATÓRIA: UMA ATIVIDADE DISCURSIVA DE LETRAMENTO ESCOLAR	
<i>Márcia Maria Junkes</i>	77
PROJETOS EDUCACIONAIS E ALFABETIZAÇÃO	
<i>Celina Adelaide Sansão Spengler</i>	79
AVALIAÇÃO: PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM OU DE ENSINAGEM?	
<i>Márcia Maria Junkes e Valéria Castanho Rohr</i>	81
PROJETO GELOTECA	
<i>Mayara Regina Emílio</i>	84

APRESENTAÇÃO

O Programa de Formação Continuada de Profissionais da Educação – FormAção - da Universidade Regional de Blumenau é um Programa de Extensão do Departamento de Educação do Centro de Ciências da Educação, Artes e Letras. Durante cerca de duas décadas, vem atuando, por meio de convênios com as secretarias de educação dos municípios do Vale do Itajaí, para promover formação continuada em serviço aos professores e profissionais da educação das redes de ensino tanto municipal quanto estadual. O formato das formações é organizado conforme as demandas dos municípios e, em conjunto com a gestão das secretarias, é traçada uma linha de ação metodológica que envolve a formação dos formadores e dos professores.

É por meio da extensão, no caso da formação continuada, que os professores da Educação Básica entram em contato com conhecimentos e discussões de caráter epistêmico de cada área do conhecimento e da educação como um todo. Estar em processo de formação, portanto, é sempre refletir sobre si e suas práticas, sobre a escola, os estudantes, a gestão e a sociedade. É avaliar-se e avaliar a educação, é questionar-se sempre: Quem educo? Para que educo? Que cidadãos quero formar? Educar na contemporaneidade não é tarefa fácil e isso bem sabem os professores da Educação Básica. Temas tão presentes hoje nos discursos sobre educação como tecnologias digitais, interculturalidade, inclusão, ética, diversidade, direitos das crianças e dos jovens e outros precisam, certamente de muito estudo e reflexão. E é justamente neste diálogo entre os professores da Universidade, gestores das secretarias de educação e professores da educação básica que de certa forma vamos descobrindo os caminhos para uma educação significativa, com qualidade, inclusiva para todos e todas de fato. O percurso não é simples, tranquilo, sem conflitos, no entanto, permite-nos vislumbrar o quão relevante é nossa participação neste processo. A compreensão de que é possível construir passo a passo trocas, diálogos, reflexões sobre os assuntos dos quais nos ocupamos no cotidiano é já fazer educação, é transformar em ações as hipóteses, os pressupostos, as proposições.

E é justamente isso que tem proporcionado a Formação Continuada dos Profissionais da Educação da FURB ao município de Gaspar-SC. A parceria entre a FURB e a Secretaria de Educação – SEMED - para a Formação Continuada já computa mais da metade de uma década. Este dado revela o quanto a SEMED Gaspar se comprometeu com a educação e a formação de seu quadro de professores, o quanto foi realizado neste período nos processos de formação e o quanto a rede avançou em qualidade social. Em última análise, a formação constante reflete-se em práticas cada vez mais significativas para o educando, que é, sem dúvida, o propósito do ato educativo. Pensar no estudante da Educação Infantil, Ensino Fundamental ou mesmo da EJA – Educação de Jovens e Adultos - é considerá-lo como alguém que participa, que tem ideias, que é ativo no processo educativo, que à medida que aprende também ensina. E esta foi a preocupação sempre da SEMED Gaspar: como levar o estudante a assumir sua própria formação, como torná-lo protagonista, autônomo, como proporcionar-lhe vivências democráticas e de cidadania.

Nestes seis anos de trabalho mútuo muito foi realizado: desde palestras, minicursos, seminários de socialização de experiências, oficinas, publicação de propostas curriculares (Ensino Fundamental e Educação Infantil), formações por área de conhecimento, formações para grupos específicos como professoras alfabetizadoras, gestores, professoras de 4º e 5º anos, EJA, Educação Inclusiva, grêmios estudantis, conselheiros escolares, agentes de biblioteca, merendeiras, zeladores, serventes, professores de informática, formação integral, até formação nos espaços escolares e também formação para futuros gestores. Este rico portfólio de

monstra que a educação não foi somente um discurso para a SEMED, mas revela a coragem e o comprometimento com que os desafios da educação foram enfrentados.

As palestras ocorreram na abertura do ano letivo e contou com professores renomados para discussão de temas relevantes como em 2015 “Ser Professor no século XXI” com Moacir Gadotti e, em 2016, “Avaliação da Aprendizagem”, com Cipriano Luckesi, para citar somente os dois últimos. No decorrer do ano, ocorreram as demais formações em serviço com metodologia e formadores específicos em datas agendadas entre a SEMED e a FURB. Nos anos de 2015 e 2016, contabilizou-se um total de dezesseis projetos de formação continuada para o município de Gaspar, variando de 16 horas a 32 horas de formação para cada grupo, totalizando cerca de mais de seiscentas horas de formação anuais para a Rede. Salienta-se que para cada profissional participante correspondeu certificação emitida pela Pró-Reitoria de Extensão da FURB.

Dentre as inúmeras publicações estão as deste ano, como este livro que reúne relatos de experiências a partir das formações realizadas em 2015 com o Ensino Fundamental – Anos finais.

A formação organizada para este grupo em 2015 foi no formato de oficinas, cujo objetivo foi proporcionar uma experimentação tendo como pano de fundo as linguagens da arte para representação e compreensão da vida. A partir dessa experiência, buscaram-se deslocamentos que refletiram nas práticas pedagógicas, estimulando o trabalho interdisciplinar nas escolas, tendo o educando como protagonista, como prevê a proposta curricular do município.

Dessa forma, o livro compõe-se de textos teóricos dos seis formadores que atuaram junto à Rede abordando temas de sua área de conhecimento: Música, de Morgana Tillmann; Fotografia, de Guilherme A. N. Becker; Arte Digital, por Juliana de Favere e Luiz Guilherme Ausgsburger; Teatro, por Pita Belli; Cinema, de Nestor Alberto Freese; e Literatura, de Maicon Tenfen. Em seguida de cada tema, os educadores da rede, de áreas de conhecimento as mais diversas, relatam suas práticas instigados pela vivência da formação.

E aqui precisamos citar mais um mérito desse processo de formação: oportunizar aos educadores o constituir-se autores. E não somente autores de práticas em sala de aula com os alunos, mas de algo maior: autores de sua própria formação, escritores de sua própria história, narradores de si, eles mesmos atores em movimentos criativos e inovadores nas escolas de Gaspar, seguros de que é deste modo que se avança em educação.

Boa leitura!!

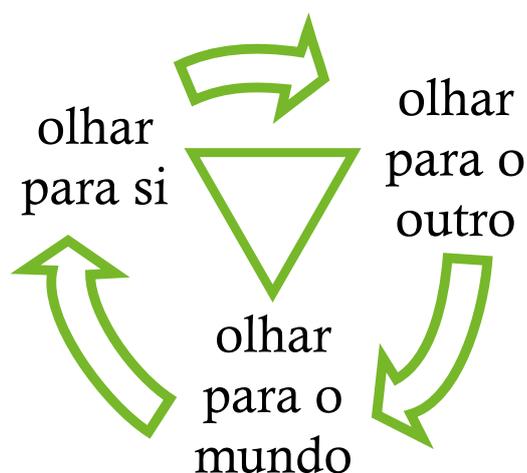
Sônia Regina de Andrade

Vânia Tanira Biavatti

Valéria Contrucci de Oliveira Mailer

Programa de Formação Continuada de Profissionais
da Educação – Universidade Regional de Blumenau - FURB

EDUCAÇÃO MUSICAL



Morgana Tillmann

A música se faz presente na educação brasileira desde o chamado descobrimento¹. Sua utilização ao longo desse tempo garantiu a disseminação de preceitos europeus em detrimento de conhecimentos musicais de outros povos. Nesse contexto, há a desvalorização da cultura de indígenas brasileiros e afro-brasileiros no âmbito social, compactuando com a subalternização dos conhecimentos musicais desses povos na comunidade escolar. Tal desvalorização resultou na pouca – ou nenhuma – presença da cultura desses povos na educação musical do Brasil, até os tempos atuais. Esse cenário de desvalorização não é só da cultura chamada originária, mas também das culturas que surgiram a partir da sua fusão como o samba, frevo, maracatu, baião, entre outras.

Atualmente, há uma representação de que a cultura musical realizada em diferentes povos que não os da Europa – e recentemente dos Estados Unidos – é inferior. Por conseguinte, essa cultura musical passa, por vezes, a ser denominada primitiva, folclórica, ética, entre tantos outros termos.

A concepção de inferioridade da cultura musical pode ser validada por meio dos próprios espaços de ensino superior. Cursos de formação inicial de professores na área de música, realizados no Brasil, têm, em seu currículo, uma porcentagem maior de estudos sobre compositores, músicas e história da música dos países da Europa, em comparação aos países da América Latina – região onde se localiza o Brasil. Além disso, o estudo sobre o que é música, como se faz música e quem é músico, é realizada – em muitos casos - a partir de preceitos europeus, fazendo assim com que as manifestações musicais ocorridas em diferentes povos, inclusive o brasileiro, não sejam vistas como manifestações autênticas, ou seja, como arte.

Uma formação de professores - inicial e continuada – na qual enaltece os padrões musicais dos povos europeus e, subalternize as manifestações musicais realizadas nos mais diferentes povos, não contribui para uma *educação libertadora*. Sem o reconhecimento e a valorização cultural do aluno, da comunidade e do país onde vive, não é possível um diálogo, no qual se evidencie a alteridade.

¹ O termo descobrimento é problematizado por Dussel (2008) em seu livro: “1942, o encubrimiento Del Otro: hacia el origen del “mito de la modernidad””. Ao enfatizar que a América já possuía povos - possuidores de diversos conhecimentos - antes de 1942, Dussel (2008) denuncia o encobrimento da América, opondo-se ao termo descoberta, utilizado até os dias atuais para explicar a ação realizada pelo povo europeu para com a América.

Ao vivenciar padrões de arte e cultura desconexos de sua realidade, o aluno passa a não se reconhecer como ser produtor de cultura e arte, não reconhecendo também o outro. O Brasil, um país tão rico e diverso culturalmente, vive hoje um momento de intolerâncias culturais: de desconhecimento e por isso desvalorização do outro, tão próximo. A supervalorização de padrões europeus, assim como a árdua conservação deles, desconsiderando o fazer musical/cultural de outros povos brasileiros, contribui para o mascaramento da realidade brasileira, sua verdadeira história, assim como, a história dos povos que aqui vivem.

Apresentar aos alunos as diferentes culturas musicais do Brasil e de outros países, sem introduzir juízo de valor, hierarquizando tais manifestações é, sem dúvida, uma tarefa árdua, porém necessária para desestabilizar o pensamento hegemônico dominante dos últimos 500 anos. Tal ação promove a valorização dos mais diferentes povos e diminui seus preconceitos existentes, auxiliando não só no respeito e aceitação do outro que está localizado longe da sua região, como também, daquele que nela chega, em busca de melhores oportunidades de vida.

Ao conhecer-se, o estudante terá a oportunidade de conhecer o mundo e, conhecendo o mundo, poderá reconhecer a si próprio. Esse movimento dialético oportuniza a tomada de consciência e com o qual se ampliam os olhares e os diálogos acerca de si, do outro e do mundo em que vivemos. De acordo com Freire (1996, p.10):

A construção de relações dialógicas sob os fundamentos da ética universal dos seres humanos, enquanto prática específica humana implica a conscientização dos seres humanos, para que possam de fato inserir-se no processo histórico como sujeitos fazedores de sua própria história”. (FREIRE, 1996, p. 10.)

A partir do momento que o estudante reconhece a si e ao outro como seres produtores de cultura, poderá então estabelecer uma relação diferenciada com a educação musical, que o faça se sentir parte desse fazer, e não apenas reprodutor ou receptor da arte musical. Dessa maneira, a educação musical é colocada a serviço do ser humano, para potencializá-lo, mostrando a grandeza do ser – de todos os seres - e não para mera admiração ou veneração, mostrando a grandeza da arte – da arte europeia.

Durante as formações na área de música, ocorridas no município de Gaspar no ano de 2015 para professores do 1º ao 9º ano das escolas municipais, foram realizados diálogos a respeito da música e das diferenças culturais, a partir do pensamento exposto acima. Nesses momentos, também foram apresentados materiais e vivências que elucidassem as discussões realizadas: Exploração do CD-ROM Instrumentos Musicais; apreciação dos DVDs: Pulse e Playing for Change; Percussão Corporal; e Exploração Instrumental foram algumas das atividades realizadas nos encontros.

O CD-ROM Instrumentos Musicais apresenta, entre outras coisas, diversos instrumentos do mundo. A partir desse CD-ROM é possível conhecer a história de diferentes instrumentos, observar suas imagens e ouvir o som que produzem. Os instrumentos encontram-se dispostos no mapa mundi, facilitando assim, a compreensão com relação às suas origens e desmistificando a ideia de que muitos povos não criaram instrumentos musicais.

No DVD Pulse, o grupo STOMP realiza o que chamam de uma odisseia, em busca de diferentes ritmos do mundo. Nesse DVD são apresentadas manifestações musicais de povos como: Brasil, Japão, China e África. A partir da visualização do DVD é possível ter acesso a ações culturais dificilmente apresentadas pela mídia.

No DVD Playing for Change, é possível observar músicos de diversos lugares do mundo tocando juntos – sem estarem juntos. Embora interessante, é preciso compreender que o DVD não apresenta a cultura de diferentes povos por completo - assim como faz o DVD Pulse -, pois todos estão tocando uma mesma música – que em grande parte é cantada em inglês e tocada a partir de padrões musicais estabelecidos pela cultura europeia. Mesmo assim, pode

ser considerado um material importante na iniciação de um trabalho que aborde as diferentes culturas. A predominância do inglês, assim como os padrões musicais estabelecidos nas músicas, podem ser discutidos, a fim de demonstrar algumas subalternizações realizadas por alguns países para com outros.

O trabalho de percussão corporal auxilia na compreensão de que o ser humano é um ser musical e que seu corpo é, também, um espaço de fazer musical, não precisando necessariamente de instrumentos para realizar tal ação. No Brasil, é possível ter acesso ao trabalho de percussão corporal por meio do grupo Barbatuques, que disponibiliza – por meio virtual - diversos vídeos que apresentam formas de fazer musical, utilizando o corpo.

A exploração instrumental que proporciona o contato com diferentes instrumentos musicais amplia o conhecimento sobre a cultura de outros povos, muitas vezes desconhecidos. No trabalho de exploração instrumental, realizado nas formações, foi oportunizado o contato com instrumentos indígena-brasileiro, africanos, latino-americanos e brasileiros como: bongô, tambor, ganzá, caxixi, agogô, chocalho de unha de lhama, tamborim, reco-reco, clavas, entre outros.

Um sistema de ensino que adota os princípios éticos², políticos³ e estéticos⁴ para nortear suas políticas educativas e ações pedagógicas, precisará mais do que momentos de canto, repetições rítmicas, conhecimento sobre compositores e classificação de instrumentos musicais em suas aulas de música.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Ministério da Educação / Secretaria de Educação Básica / Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

DUSSEL, Enrique. **1492 El encubrimiento del outro: hacia el origen del mito de la modernidad**, Santafé de Bogotá, Antropos, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Morgana Tillmann é mestre em Educação pela Universidade Regional de Blumenau, especialista em Educação Musical pela UFMG, especialista em Educação Sociedade e Cultura pela FURB, especialista em Fundamentos da Musicoterapia pelo IBPEX. Graduada em Artes com habilitação em Música pela FURB, trabalha atualmente como professora de música (Educação Infantil) e violão no Colégio Bom Jesus Santo Antônio.

² Éticos de justiça, solidariedade, liberdade e autonomia; de respeito à dignidade da pessoa humana e de compromisso com a promoção do bem de todos, contribuindo para combater e eliminar quaisquer manifestações de preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação (BRASIL, 2013, p. 131).

³ Políticos de reconhecimento dos direitos e deveres de cidadania, de respeito ao bem comum e à preservação do regime democrático e dos recursos ambientais; da busca da equidade no acesso à educação, à saúde, ao trabalho, aos bens culturais e outros benefícios; da exigência de diversidade de tratamento para assegurar a igualdade de direitos entre os alunos que apresentam diferentes necessidades; da redução da pobreza e das desigualdades sociais e regionais (BRASIL, 2013, p. 131).

⁴ Estéticos do cultivo da sensibilidade juntamente com o da racionalidade; do enriquecimento das formas de expressão e do exercício da criatividade; da valorização das diferentes manifestações culturais, especialmente a da cultura brasileira; da construção de identidades plurais e solidárias (BRASIL, 2013, p. 131).

EDUCAÇÃO EM VALORES: A BUSCA DA EXCELÊNCIA PELA AMIZADE

Cosmo Rafael Gonzatto

A formação moral do indivíduo, além de acontecer no meio familiar, também acontece no âmbito escolar. No entanto, atualmente, alguns educadores insistem na concepção e defendem a tese de que “boa educação” vem de casa e que uma formação de qualidade se constrói com a ausência de laços de amizades entre os docentes e discentes; e que uma postura firme, fechada e, às vezes, até autoritária, é o necessário para manter a disciplina, fazendo com que os alunos compreendam os conteúdos ensinados.

É a partir desse modelo de pensamento que o presente ensaio busca desconstruir essa concepção de que as “boas maneiras” são adquiridas pela família, e de o professor está na sala de aula apenas para ensinar conteúdos. Defendemos, pois, que a amizade construída entre professor e aluno desenvolve em ambos o respeito, além de facilitar a aprendizagem dos discentes. Como afirma Aristóteles (1991, p.170) em sua obra *Ética a Nicômacos*: “Porque sem amigos ninguém escolheria viver, ainda que possuísse todos os outros bens. E acredita-se, mesmo, que os ricos e aqueles que exercem autoridade e poder são os que mais precisam de amigos [...]”.

A metodologia usada no presente estudo é bibliográfica e empírica. A parte bibliográfica encontra-se fundamentada nos estudos das obras *Ética a Nicômacos* (1991) do filósofo grego Aristóteles e no documento *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Na parte empírica, a técnica usada foram as observações das experiências realizadas na disciplina de filosofia, em sala de aula, com os alunos das turmas 701, 702, 703 e 704 das escolas E.E.B. Vitório Anacleto Cardoso e E.E.B. Norma Monica Sabel, da rede municipal de Gaspar, SC. Para o desenvolvimento da pesquisa, a turma foi organizada no formato de um círculo e, em seguida, foi reproduzida a música *Cantão* do artista Gabriel, o Pensador. Então, foram realizadas perguntas sobre a música com o objetivo de identificar o tema principal a ser debatido. Depois de identificado o tema “Amizade” e realizarmos uma pequena discussão sobre o assunto, em que os alunos puderam expor as suas opiniões, foi solicitado que eles produzissem uma síntese, relatando o que eles compreenderam sobre a temática.

Desde a Grécia antiga, a música tem sido reconhecida como um fator importante na formação pessoal do sujeito. Ao ouvirmos uma música, nosso estado emocional transforma-se, nosso corpo e mente buscam sentir/reviver aquilo que a música trata. Dessa maneira, nessa aula de filosofia, buscamos, com o auxílio da música *Cantão*, problematizar o tema Amizade a ser discutido em sala de aula.

Ao pensarmos essa aula, usamos como ponto de partida inicial as seguintes perguntas: A música apenas desperta o prazer nas pessoas que a ouvem? É possível ensinarmos valores por meio da música? De que maneira a música pode contribuir para uma educação em valores?

Para muitas crianças é na escola que elas têm a primeira chance de ter contato com diferentes culturas humanas. São alunos dos mais diversos grupos sócio-econômicos/ culturais, nas suas diferentes maneiras de pensar e agir. Cada aluno possui a sua singularidade, o que constitui a diversidade do ambiente. É nesse contexto de heterogeneidade que o professor, a

todo o momento, deve estar atento e com a sensibilidade a florada, pois a maneira como o professor irá se relacionar com os seus alunos fará a diferença em como eles reconhecerão a matéria e os conteúdos a serem ensinados.

A postura do professor em sala de aula é determinante para como será a sua aula. Um professor autoritário, que não sorri, não conseguirá construir vínculos com os seus alunos, apenas desenvolverá uma relação mecânica e, dificilmente, compreenderá por que determinados discentes agem diferente na sua aula. Como melhor complementa Freire:

Essa abertura de querer bem não significa, na verdade, que, porque professor, me obrigo a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa, de fato, que a afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la. Significa, esta abertura ao querer bem a maneira que tenho de autenticamente selar meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano. Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade. Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e “cinzento” me ponha nas minhas relações com os alunos, no trato dos objetos cognoscíveis que devo ensinar. A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. (FREIRE, 1996, p. 159-160)

O autor, na citação acima, reforça o argumento da importância da afetividade na relação entre professor/aluno. Nesse sentido, acreditamos que seja imprescindível que todo “bom professor” consiga construir esse elo de afetividade com seu educando. Afinal, ser professor também é desenvolver-se, constituir-se como ser humano. E é nesse processo infinito de formação humana, que em algumas vezes temos mais a aprender do que ensinar para nossos alunos.

Enfim, um modelo autoritário de ensino e/ou uma sala de aula sem emoções provocará a ausência “[...] de disponibilidade ou de condições para considerar a diversidade dos alunos [o que] acarreta o chamado fracasso escolar, com efeitos no plano moral, afetivo e social [...]”. Fatores estes “que geralmente acompanharão esses indivíduos durante toda sua vida, podendo redundar em exclusão social” (BRASIL, 1998, p. 42).

As formações oferecidas pela secretaria de educação do município de Gaspar – SC aos professores da rede municipal de educação básica no ano de 2015 possibilitaram aos docentes uma visão diferenciada de como abordar os conteúdos contidos na proposta curricular do município. Foram oferecidos as formações na área de música, fotografia, teatro, arte digital, literatura e cinema.

As formações, além de frisarem a importância do profissional sempre estar se atualizando, devido às transformações que acontecem na sociedade e ao conjunto de novas informações que estão sempre nascendo, também contribuiu para que os professores pudessem despertar o interesse de alunos que antes não se demonstravam entusiasmados com as suas aulas.

Diante do exposto, buscamos problematizar a prática pedagógica e a concepção que o docente possui em relação aos seus discentes, com o apoio das reflexões apresentadas nas formações da rede municipal de Gaspar, SC. Buscamos apresentar que é possível o professor ser respeitado e respeitar o aluno, construindo vínculos de amizade na sala de aula; que o pouco tempo disponível de 45 minutos semanais para a disciplina de filosofia sinaliza para a necessidade de serem realizadas outras formas de atividades com esses e/ou outros temas trabalhados em sala de aula, tais como, drogas, aborto, bullying, roubo, entre outros. Como sugestão: essas atividades podem ser realizadas no formato da transversalidade, ou ainda, com a participação da comunidade escolar, a qual poderá ajudar a dar uma dimensão maior ao trabalho, contribuindo, dessa maneira, para os problemas apresentados no âmbito escolar.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Ética a nicômaco**. Coleção os pensadores. Vol. II. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

BRASIL. Secretária de educação fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclo do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

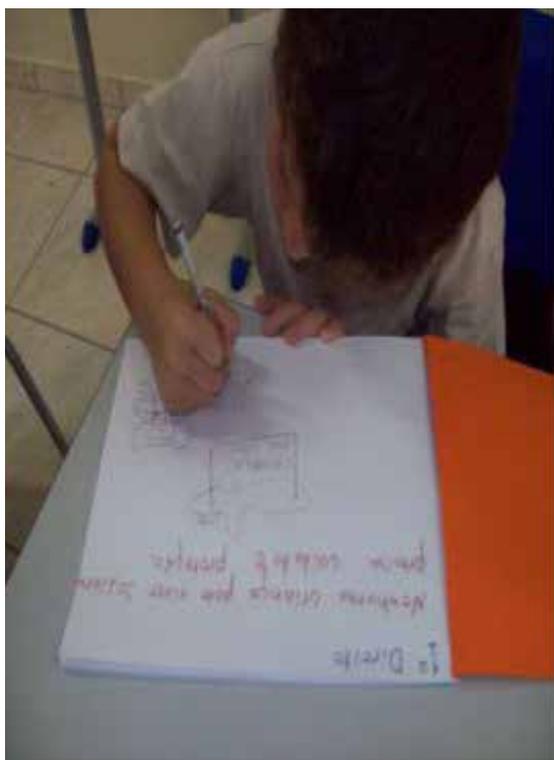
PROJETO SER CRIANÇA

Dione Nara Soares
Valdete Goll

Através de conversa com os alunos dos 2^{os} anos da escola Zenaide Schmitt Costa e suas professoras, percebeu-se a necessidade de resgatar a Infância. Por isso, foi desenvolvido o projeto Ser Criança. O objetivo deste texto é relatar as experiências vividas na escola, nas quais foi proposto desenvolver atitudes de respeito e diálogo, buscando um bom relacionamento com o próximo e se auto descobrindo.

Começamos a trabalhar o projeto Ser Criança para promover aos nossos alunos dos 2^{os} anos situações de conscientização do respeito e da amizade, favorecendo a autoestima e o conhecimento do eu.

Demos início com a literatura *SER CRIANÇA É...Estatuto da Criança e do Adolescente*, autor: Fábio Sgroi. Então, fizemos uma releitura dela, refletindo com as crianças seus direitos e deveres. Foi muito importante mostrar os direitos como: Cuidados, Proteção e Acompanhamento, e a conscientização para a sua vida e que possam se tornar bons cidadãos. O dever também foi listado no livro e perceberam como podem colaborar com o outro no seu dia a dia.



Fonte: Fotos das crianças produzindo trabalhos propostos.

Os alunos tiveram acesso à sua certidão de nascimento e se descobriram, fazendo um comparativo dos seus dados com os dos seus colegas. Montamos um gráfico dos meses do aniversário, pois, tinham muito interesse em comparar as datas de nascimento. Vários questionamentos surgiram com a certidão de nascimento, principalmente a filiação e também a naturalidade. Realizaram-se muitas descobertas.

O que criança gosta? Entre muitas coisas BRINCAR! Assim, surgiu o resgate das brincadeiras antigas por meio de pesquisas em forma de questionários, respondidos pelos pais e

funcionários da escola, que descreveram quais foram suas brincadeiras de infância. Foi gratificante vermos nossos alunos aprendendo, se ajudando e acima de tudo se divertindo.



Fonte: Foto das crianças dos 2^{os} anos brincando no parque da escola.

É claro não poderíamos deixar de trabalhar a Música, que nos transmite sentimentos e também nos faz refletir. A partir da música *DEPENDE DE NÓS*, autor: Ivan Lins, montamos um coral com a ajuda do professor de música para apresentar às demais crianças. A escolha se deu por acreditarmos em mundo melhor através da educação.

Com a poesia “Ser Criança”, trabalhamos algumas fases da vida, dando prioridade à infância. Construímos um móbile para que toda a escola pudesse fazer a leitura e refletir esta fase da vida.

As diferenças entre as pessoas foram trabalhadas com uma literatura, *A galinha preta*, autor: Martina Schlossmador. Elaboramos uma dramatização para as demais turmas, enfatizando o respeito, valorização e a amizade. Logo construímos um texto relatando como podemos respeitar uns aos outros.



**Fonte: Fotos dos trabalhos com os 2^{os} anos envolvendo a literatura
A galinha preta, de Martina Schlossmador.**

Surgiram muitas ideias, partindo também dos alunos, procurando no dicionário e em forma de perguntas aos funcionários da escola sobre o significado de: Respeito, Diferenças, Dignidade...

Para finalizar nosso projeto, fizemos um acampamento noturno na escola com brincadeiras, caça ao tesouro, danças, pizza e sorvete. Observamos o entusiasmo e a alegria das crianças em participar do acampamento. No dia seguinte, as crianças deixaram mensagens no mural da sala, relatando como se sentiram em participar desse projeto: “Gostei muito do acampamento”; “Quero aprender mais”; “Ser criança é muito bom”; “Foi muito divertido”; “Apreendi muitas coisas novas”.

Foi um trabalho que envolveu professores, alunos e a família. Percebemos o quanto é importante conhecer um pouco da vida de cada um, para então podermos propor situações que colaborem para o ensino aprendizagem com significado.

A avaliação foi feita por meio de observações, registros individuais, coletivos e espontâneos, relatos orais e escritos.

HISTÓRIA SONORIZADA DE CONTO INFANTIL

Mariana Lopes Junqueira

Objetiva-se, com o presente texto, socializar o relato de experiências pedagógicas com os alunos do 9º ano A e C da EEB Zenaide Schmitt Costa, de Gaspar, SC, em 2014. Os professores da escola desenvolveram atividades para integrar algumas turmas, quando surgiu a ideia de trabalhar o teatro e a música através de uma história sonorizada.

Segundo Brito (2003), quando ainda não havia televisão, as radionovelas eram sonorizadas, utilizando diversos objetos e materiais sonoros para os ouvintes imaginarem a história.

Os sonoplastas – profissionais responsáveis pela sonorização de filmes, desenhos, peças de teatro – pesquisavam vários materiais sonoros e os usavam ao vivo, na hora em que o programa ia ao ar. [...] Uma caixa de fósforos virava máquina de costura, um comprimido efervescente era um ataque de formigas... Os sons traziam mais realidade à cena e faziam voar a imaginação dos ouvintes. (VILLAÇA, 2007, p. 64)

As turmas de 9º ano foram separadas em grupos e tiveram uma aula na biblioteca da escola, na qual a bibliotecária Ana Jacira Dias Porto auxiliou cada grupo na escolha de um livro de história infantil. Foram escolhidos livros como João e Maria, Cachinhos Dourados, Os três porquinhos, entre outros. Foi proposto para cada grupo dramatizar a história do livro, fazendo os ajustes necessários, tais como adequação dos personagens e adaptação das falas, conforme o número de alunos do grupo. Os grupos deveriam também reproduzir os sons que aparecessem na história, além de desenvolver o cenário e o figurino.

Os alunos tiveram algumas aulas para definir os personagens, adaptar o roteiro e ensaiar as cenas. Durante o desenvolvimento do trabalho, eles tiveram que socializar ideias, apresentar flexibilidade, interação com os demais colegas, demonstrar criatividade, imaginação e concentração para adaptar a história conforme o grupo. Os alunos também desenvolveram expressão artística, defendendo a valorização e respeito de si, do meio e do outro, pois tiveram que respeitar as limitações de cada colega.

Na apresentação cênica eles puderam vivenciar produções técnicas das linguagens artísticas específicas das áreas da música e teatro. Combinamos com as professoras dos anos iniciais as datas de apresentação conforme a disponibilidade de cada disciplina. Cada grupo de alunos foi responsável por apresentar sua história para uma turma dos anos iniciais.



Fonte: Foto 1. Adaptação de João e Maria. 9º C.



Fonte: Foto 2. Adaptação de João e Maria. 9º C.



Fonte: Foto 3. Adaptação de João e Maria. 9º C.



Fonte: Foto 4. Adaptação de Cinderela. 9º C.



Fonte: Foto 5. Adaptação de Cinderela. 9º C.

CIDADANIA

Mariana Lopes Junqueira

O presente texto pretende socializar uma atividade pedagógica desenvolvida com os alunos da turma Atitude (turma de aceleração) na Escola de Educação Básica Ferandino Dagnoni, de Gaspar, SC. Essa turma cursou o 8º e 9º ano no período de 2015 e teve uma proposta de ensino diferenciada, na qual os professores se dedicaram em conjunto para o planejamento das atividades.

O primeiro tema escolhido entre os professores para trabalhar com a turma foi Cidadania com os seguintes objetivos: conhecer os direitos e deveres do aluno na sociedade em que está inserido; conhecer o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA); instruir o aluno a exercer sua cidadania.

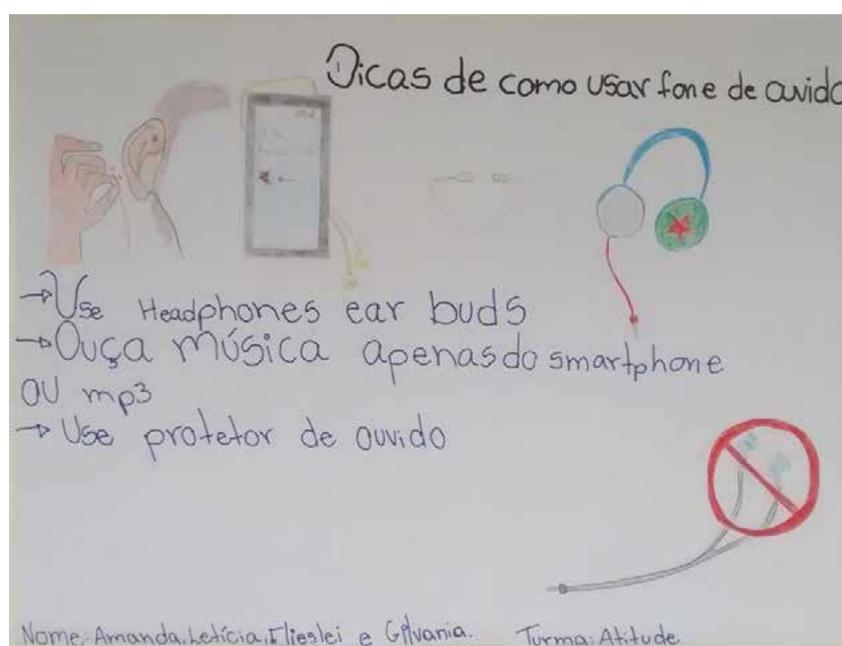
Na disciplina de arte, trabalhamos conteúdos relacionados à poluição visual e sonora como conceitos e instruções para o uso correto dos fones de ouvidos com base em indicadores da organização mundial de saúde (OMS), que estima que 1 bilhão de jovens poderão perder a audição devido ao hábito incorreto de escutar música com volume superior ao suportado pelo ouvido humano.

O canadense Raymond Murray Schafer, considerado o pai da “ecologia sonora”, desenvolve trabalhos, incentivando as pessoas a ouvirem e refletirem como estão sendo afetadas pelos sons ao seu redor.

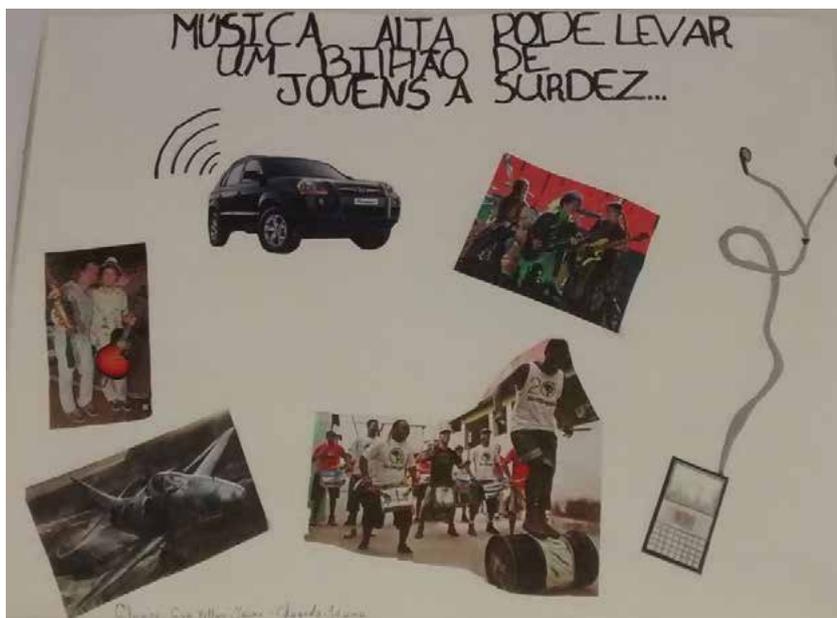
Nada vai acontecer a não ser que as pessoas comecem a pensar que os ambientes seriam melhores se tivessem menos ruídos”. [...] A partir daí, elas poderão exigir das autoridades governamentais mudanças para melhorar a acústica das cidades. “Precisamos reduzir os sons desnecessários e permitir a volta de algumas sonoridades da natureza” (MUTO apud SCHAFER, 2011)

Além da perda auditiva, a poluição sonora pode trazer diversos males para a saúde, como problemas cardiovasculares, alterações de sono, estresse, ansiedade e irritabilidade.

Os alunos elaboraram cartazes que foram expostos em murais da escola sobre a poluição visual, poluição sonora, e sobre o uso correto de fones de ouvido.



Fonte: Foto 1. Cartaz sobre dicas de como usar o fone de ouvido. Atitude.



Fonte: Foto 2. Cartaz sobre a estimativa da OMS que a música alta pode levar um bilhão de jovens a surdez. Atitude.

Após a produção dos cartazes sobre poluição visual e sonora, os alunos participaram de uma aula no laboratório de informática para pesquisar e escolher um instrumento musical para ser confeccionado, utilizando materiais recicláveis.

Os alunos envolvidos apresentaram para a turma do 4º ano B instrumentos como pandeiro, chocalhos, maracas, bongô e xilofone que eles mesmos confeccionaram. Nessa apresentação, tocaram músicas com os instrumentos e explicaram cada material utilizado.

O trabalho desenvolvido permitiu aos alunos vivenciarem uma produção técnica com linguagens artísticas da área musical. A turma demonstrou cooperação, solidariedade e criatividade ao trabalhar com a diversidade de materiais alternativos.



Fonte: Foto 3. Apresentação para o 4º ano B os instrumentos confeccionados com materiais recicláveis. Atitude.

FOTOGRAFIA COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO

Guilherme A. Nöthen Becker

A fotografia hoje tem uma inserção muito forte em praticamente toda a nossa vida. Festas, viagens, esportes, lazer, trabalho, a fotografia passa a ter um papel de destaque na rotina do dia a dia, graças à massificação do acesso a um aparato fotográfico.

A primeira popularização da fotografia nos remete à primeira parte do séc. XIX, logo após o advento da fotografia. Alguns anos após o anúncio oficial dessa nova tecnologia inventada (que na época foi batizada de Daguerreotipia), as imagens capturadas de forma independente, ou seja, que não necessitavam da mão de um desenhista ou pintor, rapidamente tornaram-se objeto de desejo. Como o custo para se criar um laboratório fotográfico era relativamente baixo – podendo ser abatido em poucos meses – a grande maioria dos desenhistas de retratos migraram para essa nova tecnologia de produção de imagens (FABRIS, 1991). É importante lembrar que praticamente todas as classes sociais podiam ter acesso a uma imagem fotográfica, pois haviam estúdios de todas as faixas de preços possíveis.

A segunda onda de popularização ocorreu no início do século XX, quando Eastman lançou no mercado uma câmera que já saía da fábrica com filme, a Kodak nº 1, liberando o fotógrafo do processo químico. O slogan “Você aperta o botão e nós fazemos o resto” percorreu o mundo todo dando oportunidade para a fotografia estar ao alcance de milhões de pessoas (LEITE, 2002). Com essa tecnologia, o usuário comprava uma câmera com uma quantidade específica de fotogramas, realizava suas próprias fotos no tempo que quisesse e depois levava a câmera de volta à Kodak. Esta, por sua vez, revelava as fotos e devolvia a câmera com um novo filme fotográfico. Dessa forma, além de liberar o fotógrafo do processo químico, o ato fotográfico se tornou acessível a qualquer pessoa.

A segunda onda descrita acima é de suma importância para entendermos a relação que a fotografia tem em nossas vidas hoje e como nos encaminhamos para a terceira onda de popularização. Hoje, o limite das 36 poses de um filme fotográfico foi rompido por câmeras digitais que permitem a captura de milhares de fotos. E além da possibilidade de captura expandida a um custo extremamente baixo - câmeras fotográficas ou *smartphones* tem custos variados, porém acessíveis à população – a internet possibilita uma nova forma de interação com essas imagens fotográficas. O tradicional “álbum de família” foi substituído pelo perfil no facebook, conta do instagram, snapchat, entre outros. Esse “álbum de família 2.0” permite uma interação constante de pessoas com as fotos dos usuários, através de *likes*, comentários, compartilhamentos, etc.

A fotografia hoje passa a ser mais que um registro do tempo. A fotografia é um diário. Ela está sendo utilizada como um registro diário das atividades. Dessa forma, seu caráter documental é ampliado assim como o volume de produção, pois todos os dias estão sendo publicadas e compartilhadas mais e mais fotos.

Esse é o contexto que os jovens estão inseridos. Suas relações com a fotografia são imediatas e ininterruptas. Por isso, a fotografia se torna um instrumento tão importante para o trabalho com a criança e o adolescente. Por se tratar de uma forma de expressão que os acompanha diariamente, esse canal pode ajudar nas ações pedagógicas em qualquer área.

Nas formações em Gaspar, focamos no entendimento do contexto em que a fotografia está inserida hoje e na parte técnica da fotografia digital, para que os professores possam conhecer o processo de captura de uma imagem.

A ideia das ações pedagógicas é integrar a fotografia dentro das disciplinas de atuação de cada professor. Essa integração pode ser feita de três formas:

- através de fotos feitas pelo professor para ilustrar temas de suas aulas;
- atividades onde os alunos fotografam temas das aulas e discussão sobre essas imagens;
- discussão sobre leituras de imagens e possíveis interpretações de seus signos.

Por sua rápida assimilação, possibilidade de exploração de novas perspectivas e olhares e conexão com o dia a dia dos jovens, a fotografia é uma ferramenta que deve ser explorada nas aulas. Tanto para visualizarem os conteúdos ministrados sob um diferente ponto de vista como para explorarem as diferentes formas de interpretação que uma imagem pode propiciar.

REFERÊNCIAS

FABRIS, A. **Fotografia**: Usos e funções no século XIX. – São Paulo: EDUSP, 1991.

LEITE, E. Historia da Fotografia Digital. Disponível no site http://escolafocus.homeip.net/dicas/historia_fotografia_digital.pdf. Extraído em 29/11/2015.

Guilherme A. N. Becker possui graduação em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela Fundação Universidade Regional de Blumenau - FURB (2006) e Especialização em Fotografia pela UNIVALI (2008). Especializou-se em Fotografia de Moda pela Motivarte - Argentina e em Fotografia de Retratos pela EFTI - Espanha. Trabalhou como professor de Fotografia na Universidade do Vale do Itajaí entre 2007 e 2010. Foi também gerente de tratamento de imagens na Imagining - Centro de Soluções em Imagem. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Fotografia, Moda e Publicidade e Propaganda.

PROJETO GEOMETRIA E REALIDADE

Gabriela da Rocha dos Santos

Na atualidade, enfrentamos como dificuldade a falta de interesse dos estudantes pela matemática. Se o aluno não possui o desejo pelo aprender, o processo da construção do conhecimento fica comprometido.

Diante desse pressuposto, foi criado um projeto em uma escola da rede municipal de Gaspar, SC, a partir da necessidade de despertar o interesse dos estudantes em aprender a matemática. Esta socialização busca relatar a experiência pedagógica do projeto citado.

Para despertar o gosto pela proposta, primeiro existe a necessidade de instigar o interesse e a curiosidade dos estudantes. O projeto nasce dessa necessidade associada ao contexto dos estudantes, isto é, associada às atividades das quais já apresentam interesse, como a interação por meio do celular.

Esse projeto tem como intuito despertar o interesse dos estudantes pelos conceitos matemáticos, estimulando os mesmos através de uma metodologia diversificada.

Através da matemática desenvolvida por projeto, o aprender se torna prazeroso e os resultados podem ser surpreendentes, principalmente quando o educando percebe um significado em seu aprendizado, isto é, quando o estudante consegue fazer a ligação entre o mundo em que vive e o conteúdo que está aprendendo. Afinal, uma das mais frequentes perguntas que todo professor ouve é: “Onde vou usar ‘isto’?”.

TEMA: Ângulos: Conceito, Classificação e Propriedades.

PERÍODO: 12 aulas – 21 dias.

OBJETIVO GERAL: Reconhecer os diferentes tipos de ângulos no seu cotidiano, para compreender a importância da geometria na realidade em que vivemos.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- ✓ Trabalhar em equipe, para que os estudantes respeitem as diferenças de ideias e tempos de aprendizagem e consigam encontrar soluções em equipe, auxiliando-se mutuamente;
- ✓ Despertar interesse pelo aprender, a fim de tecer uma cadeia de conhecimento;
- ✓ Melhorar a compreensão dos conceitos, apontando sua ligação com a realidade, com o concreto;
- ✓ Identificar a importância dos conteúdos, na construção do seu ser;
- ✓ Reconhecer e compreender as diferentes classificações de um ângulo, a fim de facilitar a construção dos conhecimentos necessários à sua formação;
- ✓ Compreender as propriedades, complementar e suplementar, visando estarem aptos a utilizá-las.

RELATO

Na primeira etapa os estudantes receberam os conceitos básicos do conteúdo a ser trabalhado, para auxiliar em suas futuras pesquisas e para facilitar o seu estudo e compreensão. Tais conteúdos foram explicados com uso de multimídia, para facilitar visualização e concentração, bem como transmitidos por etapas. Primeiramente, o conceito de ângulo e suas classificações: reto, raso, agudo e obtuso, e apenas após realização da primeira atividade proposta foi explicado à segunda parte do conteúdo: propriedade complementar e suplementar.

Na primeira atividade, os estudantes foram divididos em grupos com 3 a 4 integrantes.

Nessa etapa, os grupos tiraram três fotos diferentes de cada classificação de ângulo estudada, usando a infraestrutura da escola, e com essas imagens organizaram uma apresentação, quando tiveram que especificar qual o ângulo analisado e sua respectiva classificação.

Encerradas as apresentações, foi reforçada a explicação das classificações e conceito de um ângulo para iniciar com as propriedades, explicadas também através de multimídia. Após as devidas explicações e orientação, foram iniciados os exercícios de fixação, que foram realizados de forma diferenciada para facilitar a compreensão dos estudantes e aumentar a possibilidade dos mesmos de tirar dúvidas e participar de forma mais ativa da construção do próprio conhecimento.

Nessa segunda etapa, também foram utilizados os grupos, sendo que os exercícios eram passados de dois em dois no quadro, deixados por um tempo para que os grupos pudessem resolvê-los. e então, eram sorteados dois grupos, e destes sorteados, um estudante de cada para resolver os exercícios no quadro. Enquanto esses alunos resolviam os problemas, eram passados mais dois outros problemas, para não permitir a ociosidade dos demais educados. Seguiu-se essa idéia até o término das atividades, inclusive de revisão, permitindo que para cada questão passada o estudante tivesse a oportunidade de verificar o possível erro cometido antes de prosseguir com as demais, sem ter que deixá-las todas para o final. Essa prática evita que os estudantes esqueçam qual era a sua dúvida.

Como resultado, vários estudantes se apresentaram empenhados em tentar compreender melhor os conceitos iniciais, para poder realizar a primeira atividade. Também foi possível conhecer melhor as dificuldades individuais de muitos dos estudantes que não possuem o hábito de tirar dúvidas, pois devido ao sorteio eles precisavam realizar a atividade no quadro, e quando não conseguiam sozinhos, tinha como auxiliá-los. Assim, quando aplicada a avaliação, obtive os melhores resultados até então com essas turmas.

MATERIAIS

- ✓ Câmera fotográfica;
- ✓ Recursos multimídia;

IMAGENS

E. E. B. Norma Monica Sabel



E. E. B. Prof. Vitório Anacleto Cardoso



Fonte: Fotografias geradas a partir do envolvimento dos alunos com as atividades na escola.

REPENSANDO NOSSO AMBIENTE ESCOLAR

Valéria Castanho Rohr

“Há uma maneira *escolar* de conceber os processos de aprendizagem que encarnou uma organização do tempo e do espaço pedagógico que se tem mantido inalterada apesar das inovações no campo de produção e socialização do conhecimento.”

Rui Canário

O projeto desenvolvido na escola Norma Mônica Sabel, aqui socializado nasce do desejo do corpo docente, incluindo-me nele, em repensarmos os tempos e os espaços do nosso ambiente escolar. A idéia buscou despertar os estudantes para o cenário em que estavam inseridos, o quanto este ambiente poderia ser positivo ou prejudicial na construção da aprendizagem, relações interpessoais e da influência sobre o comportamento dos sujeitos desta instituição.

Nessa perspectiva, estudantes, professores e gestores escolares trabalharam a fim de provocar os estudantes a repensar seu meio. Os alunos de 6º a 9º anos passaram inicialmente por um diagnóstico realizado pela coordenação, que lançou o seguinte questionando: “Que escola nós temos?”. Os resultados não foram satisfatórios no primeiro momento, pois percebemos que os olhos dos adolescentes estavam viciados, não os permitindo enxergar as carências do ambiente. Muitos comentários surgiram pelos estudantes, como por exemplo: “Pra que isso aqui, nossa escola está boa!”, ou “Eu não sei o que colocar no papel”, também ouvimos: “Quem vai ler a resposta?”. Conforme o projeto foi amadurecendo, as crianças e adolescentes foram compreendendo mais claramente a problemática do projeto, e aos poucos, novos comentários surgiam em sala com os professores e novos papeis foram chegando à coordenação, com comentários do tipo: “Gostaria que nossa escola tivesse mais flores, e fosse mais colorida!”. Rinaldi (2013) reflete:

Há uma necessidade de nós, profissionais da Educação, expandirmos e aprofundarmos os nossos conhecimentos de *ambientes espaciais* na escola, como, também, mudarmos nossa maneira de pensar acerca dos espaços.

Nesse sentido, o projeto começou a caminhar, sob o viés de que cada sujeito deste espaço enchesse os olhos, vislumbrando flores e jardins, muros coloridos e belas mensagens pelos corredores, parquinho restaurado, lixos separados, colaborando com a coleta seletiva, quadra pintada, entre outros. Um dos fatores em destaque no projeto foi o trabalho coletivo, desde a idealização, a construção das idéias e as concretizações. Dessa maneira, todos perceberam os privilégios do trabalho em equipe e o prazer de desfrutar e conviver num ambiente agradável.

Não há mais espaço para sonhos e fantasias. A criança tem de estar produzindo o tempo todo, para entrar no mercado de trabalho o quanto antes e consumir mais. É uma tristeza, encurtaram a infância. (PERROTTI, 1990, apud COSTA, 2002, p.46).

O espaço, assim como o tempo, não podem ser entendidos como neutros, pois tratasse de uma construção social, de crianças e adolescentes envolvidos, de relações sociais que irão desenvolver-se adequadamente ou não para uma sociedade melhor. Nosso projeto teve esta intenção, ampliar o olhar para outros espaços de aprender em nossa escola, despertando em nossos estudan-

tes atitudes de autonomia, buscando engajá-los no processo, a fim de expandirem novos conhecimentos e possibilidades para se ir além dos muros da escola.



Fonte: Fotografia de uma das transformações do espaço escolar a partir do projeto.

FOTOGRAFIAS E “TRANSTORNO DE PERSONALIDADE BORDERLINE” (AUTOMUTILAÇÃO)

Lígia Mendes dos Santos Bender

No mundo globalizado, o conflito das relações sociais envolve o desenvolvimento da personalidade e suas inter-relações, as quais podem sofrer alterações, desencadeando distúrbios mentais, entre eles o Transtorno de Personalidade Borderline.

A psiquiatra, Jackeline Suzie Giusti (2013), define a automutilação como qualquer comportamento intencional envolvendo agressão direta ao próprio corpo sem intenção consciente de suicídio. As formas mais frequentes de automutilação são cortar a própria pele, bater em si mesmo e queimar-se.

Na automutilação do tipo impulsivo, segundo Giusti (2013, p. 21), os comportamentos mais comuns incluem cortar a própria pele, se queimar e se bater. Esses comportamentos podem ser genericamente conceituados como atos agressivo-impulsivos, em que o alvo da agressão é o próprio indivíduo. Geralmente ocorrem após vivência de forte emoção, como raiva, sendo vistos como forma de lidar com a emoção. Logo, podem ser desencadeados por uma vivência traumática ou apenas pela lembrança desta.

As rupturas da estrutura familiar, dos laços de solidariedade, e do crescimento vertiginoso do individualismo, acentuaram a solidão humana e determinaram uma diminuição significativa das relações sociais. Esta instabilidade acentua-se na fase da puberdade, quando a personalidade se consolida e os conflitos aumentam.

As consequências desses conflitos são inúmeras: a intolerância aos limites, a superproteção, a falta de diálogo e a falta de tempo dispensados pelos pais com os filhos. Nas aulas de ciências, o estudo do corpo humano ocorre a todo o momento. Porém, diante das evidências, decidiu-se abordar este assunto polêmico, envolvendo alunos dos 7^{os} anos, da Escola Zenaide Schmitt Costa, de Gaspar, SC, o que buscamos socializar no presente relato de uma experiência pedagógica.

O recurso da fotografia permitiu selecionar imagens que refletem de maneira enfática as práticas e consequências do “Transtorno de Personalidade Borderline”, denominado automutilação.

As imagens foram selecionadas e expostas em mural na escola, de acordo com as evidências das práticas de automutilação vivenciada pelos próprios alunos.



Fonte: Acervo Prof^a Lígia Bender.

A decisão de usar a fotografia como recurso norteador deste trabalho surgiu entre muitas das formações propostas pela Secretaria de Educação de Gaspar.

O conteúdo conceitual do Transtorno de Borderline foi permeado nos conceitos de saúde mental do corpo humano, destacando o conteúdo conceitual de saúde em ciências na proposta curricular para Pré-adolescência e Adolescência no Ensino Fundamental de Nove Anos (GASPAR, 2013). Na abordagem dos conteúdos procedimentais, houve ênfase para a utilização de recursos, como a máquina fotográfica na coleta de informações. Para estabelecer os conteúdos atitudinais, buscou-se interessar os alunos por discutir e obter informações a respeito de assuntos polêmicos de interesse à saúde.

A abordagem do assunto teve início com a ocorrência de algumas mudanças de comportamento de alguns alunos em sala de aula. A observação e investigação culminaram na descoberta de casos reais, ocasionando o interesse pelo debate em sala de aula.

Após a descoberta, foi possível realizar um plano de ação que possibilitou relacionar o assunto, evidenciado como automutilação, denominado como transtorno, que é parte integrante de patologias ligadas à saúde mental.

Foi realizada uma exposição de fotografia obtidas pela internet, com o objetivo de despertar nos alunos a curiosidade pelo assunto e identificar os possíveis casos de prática de automutilação nas turmas envolvidas.

A fim de entendermos mais sobre o transtorno, realizei uma aula expositiva em Power point, onde abordei conceitos, as relações familiares, a explosão dos hormônios na adolescência, as celebridades que praticam ou praticaram a automutilação. Ouvimos relatos espontâneos e finalmente esclareci os perigos em compartilhar instrumentos cortantes.

Foi então realizado um debate para abordar as causas e as consequências das práticas de automutilação. Nesse instante, os conflitos foram debatidos e enfatizados, sempre destacando a importância de se procurar ajuda de psicólogos e psiquiatras.

A fim de conhecer mais sobre o perfil de cada aluno, a professora propôs uma produção textual por meio de observações das fotografias, fixadas em cartazes que retratam automutilações. A proposta nomeava três critérios:

- O que vêem;
- O que sabem;
- O que pensam.

Os textos foram produzidos, corrigidos e analisados. Os primeiros resultados indicam que um número significativo dos alunos das turmas do 7º ano sofre do Transtorno de Personalidade Borderline.



Fonte: acervo Profª Lígia Bender

RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES

Este trabalho teve por objeto socializar a prática pedagógica envolvendo estudo, relatos e informações expostas por grupos de alunos, a fim de conhecer, identificar e informar os alunos sobre a automutilação. Os alunos participaram da pesquisa, na produção textual, no debate de maneira que a proposta foi visibilizada, utilizando - se da fotografia.

Os resultados ainda não foram concluídos, mas existe uma expectativa voltada para novos debates, uma palestra com uma Psicóloga, além do envolvimento da família.

REFERÊNCIAS

GASPAR. SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. **Proposta curricular para pré-adolescência e adolescência no ensino fundamental de nove anos**. Blumenau: 3 de maio, 2013. 152 p.

GIUSTI, Jackeline Suzie. **Automutilação: características clínicas e comparação com pacientes com transtorno obsessivo-compulsivo**. 2013. f. 21. Tese (Doutorado em Ciências) - Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, Programa de Psiquiatria. São Paulo, 2013. Disponível em: < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5142/tde-03102013-113540/pt-br.php>>. Acesso em: 30 set. 2015.

FOTOGRAFIAS E ÂNGULOS

Josiane Bernz Siqueira

INTRODUÇÃO

Para que serve a régua redonda? Só para desenhar círculos? Essas são algumas das perguntas que ocorrem entre os estudantes do sexto ano da E.E.B. Zenaide Schmitt Costa, do município de Gaspar, SC. A régua redonda, ou melhor, o transferidor, é um instrumento de medida solicitado na lista de material da escola desde o sexto ano. Tal instrumento provoca muita curiosidade, para além de desenhar círculos.

Sabemos que a curiosidade, advinda dos estudantes, potencializa as aulas, tornando-as mais significativas. E, conseqüentemente, exige do professor um planejamento que dê conta dessa motivação. Planejar de acordo com o perfil da turma exige do professor uma formação adequada. Pensando nisso, a Secretaria Municipal de Educação de Gaspar oferece anualmente formações para seus professores. No ano de 2015, eu, professora de matemática da rede, tive o privilégio de participar de formações diferenciadas, como: teatro, cinema, música e fotografia. Destas, a que mais me chamou atenção foi a última.

Nas minhas aulas, uso imagens quando ensino sobre ângulos, mas sempre utilizei imagens de revistas. Este ano, decidi utilizar fotografias de autoria dos estudantes. A turma do 6º ano A já havia demonstrado em outros momentos escolares que gostava de fotos. Dessa forma, o objetivo do trabalho foi ensinar ângulos com fotografias de autoria dos estudantes.

FORMAÇÃO, PLANEJAMENTO E APLICAÇÃO

A formação de fotografia abordou maneiras de como melhorar a composição de uma foto. E, para minha surpresa, havia muita matemática. Depois da formação, pesquisei um pouco mais sobre o assunto e decidi trocar a utilização da imagem de revistas para identificar e medir ângulos por fotografias de autoria dos estudantes ou de seus familiares.

Decisão tomada, replanejei as aulas, pois quando participei da formação já havia iniciado o estudo sobre os ângulos com a turma. Dessa forma, precisei fazer poucos ajustes no planejamento. O conteúdo conceitual de ângulos faz parte do conceito estruturante grandezas e medidas, pontuado na Proposta Curricular para Pré-adolescência e Adolescência no Ensino Fundamental de Nove anos (GASPAR, 2013). Tem como conteúdos procedimentais: manusear e usar o transferidor como instrumento de medida e reconhecer ângulos na vida cotidiana. E, como conteúdos atitudinais: possuir habilidade para utilizar corretamente o transferidor e desenvolver autonomia, perseverança e disciplina na realização das atividades.

Iniciamos estudando o conceito de ângulos no livro didático de Edwaldo Bianchini (2011). Os estudantes apresentaram conhecimentos prévios em relação ao giro de 180° e 360° . A partir disso, pontuamos os outros dois ângulos importantes, de 90° e 0° . O livro didático relaciona o ângulo à abertura entre os ponteiros de um relógio. E, foi desta forma, que começamos a abstrair o conceito de ângulo, como uma figura formada por duas semirretas de mesma origem. Depois passamos a nomear os ângulos, ou seja: nulo, agudo, reto, obtuso, raso, côncavo e volta inteira. Chegamos, então, ao momento tão esperado: utilizar o transferidor para medir e construir ângulos.

Cada estudante possuía um transferidor e eu, um maior de madeira, para utilizar no quadro. Desenhei um ângulo qualquer no quadro e orientei os estudantes de como deveriam

posicionar o transferidor para descobrir o valor do seu grau. Feito essa primeira orientação, voltamos ao livro didático que trazia uma atividade como esta. Depois que todos entenderam, fomos para a segunda etapa: construir um ângulo. Novamente fui para o quadro e dei orientações de como se desenha um ângulo utilizando o transferidor. Em seguida, foi a vez dos estudantes construírem alguns.

Tudo corrigido, lancei a proposta ao grupo: tirar uma foto (deles, da família, ou de algum objeto), identificar quatro aberturas na imagem e medir o ângulo. Logicamente, eles gostaram da proposta. E, para colaborar, apresentei ao grupo o que eu havia aprendido na formação: *ideias matemáticas de como melhorar a composição de uma fotografia*. A apresentação foi preparada antecipadamente em PowerPoint. Nela, mostrei a regra dos terços, contra luz e perspectiva. Depois dessa apresentação inicial, utilizei algumas fotografias de estudantes que foram publicadas em redes sociais da internet. A partir das fotos, perguntei à turma o que mais lhes chamava a atenção nas imagens. Acompanhe parte da conversa com relação à regra dos terços, mediante figuras 1 e 2.

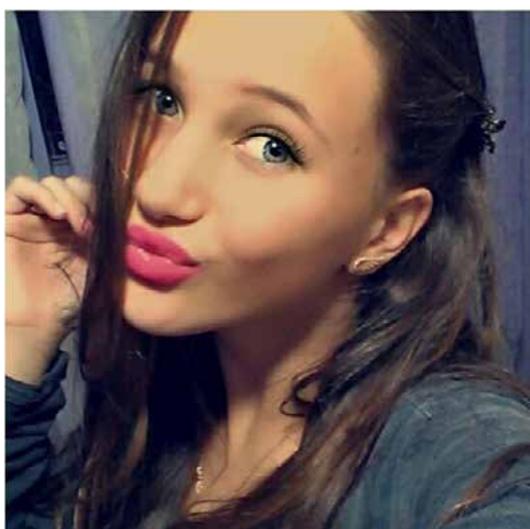


Figura 1: Estudante Laisa de Souza Venturi
Fonte: Página da Laisa no facebook.⁵

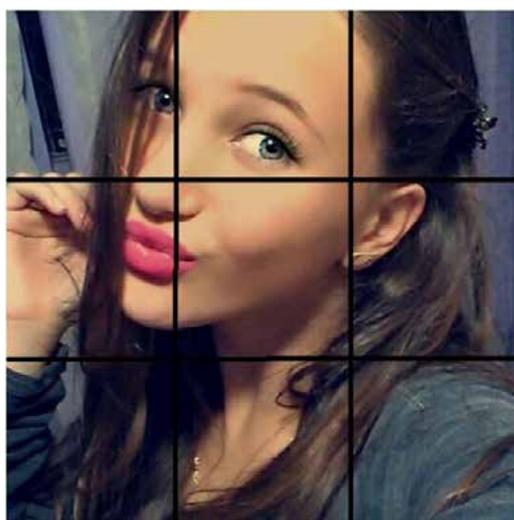


Figura 2: Fotografia dividida em terços.
Fonte: Elaborado pela professora.

Com relação à figura 1:

Professora: *Olha gente! Quem é essa gatona aí?*

Risos

Todos: *É a Laisa!!! Ai que linda!*

Professora: *O que chama mais a atenção de vocês na foto?*

Estudante 1: *A boca!*

Estudante 2: *Os olhos!*

Todos: *É, a boca e os olhos.*

Professora: *Vamos ver como fica essa foto utilizando a regra dos terços.*

Com relação a figura 2:

Estudante 3: *Que legal né professora! Ficou no canto superior e esquerdo.*

Estudante 4: *E o nariz? Ficou bem no ponto de encontro! Parece que está dividindo.*

RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES

A turma se empenhou bastante nas suas fotografias e apresentaram imagens. O objetivo do trabalho, identificar e medir ângulos em fotografias, foi alcançado. É possível observar o

⁵ Disponível em < <https://www.facebook.com/laisa.venturi?fref=ts> > Acesso em 22 set 2015.

trabalho na figura 3, em que o estudante está realizando as medições dos ângulos utilizando o transferidor e, na figura 4, que apresenta o trabalho pronto da estudante que escolheu os ângulos do olho (65°), boca (60°), pescoço (68°) e colarinho da camiseta (90°).



Figura 3: Estudante realizando as medições.

Fonte: Acervo pessoal da professora.



Figura 4: Trabalho pronto.

Fonte: Acervo pessoal da professora.

O trabalho foi interessante do ponto de vista da contextualização. Os estudantes se entusiasmaram quando perceberam que utilizei fotos deles na apresentação. Poderia ter sido mais proveitoso se tivéssemos feito as imagens na escola e não em casa como solicitado. Porém, a mesma desfruta de apenas uma câmera fotográfica, o que inviabilizaria o trabalho quanto ao tempo. Além disso, a escola está passando por um momento de reflexão quanto ao uso dos celulares como ferramenta pedagógica.

Para mim, enquanto docente, foi uma prática nova e quero aperfeiçoar para os próximos anos. Tenho clareza de que explorei apenas um pouquinho da matemática em fotografias e que posso ampliar esse conhecimento.

MOSAICO NA ESCOLA

Marieta Pamplona Schmitt

A arte do mosaico é executada com fragmentos de azulejos, vidros, pastilhas aplicadas em uma superfície para criar motivos decorativos. Originou-se na antiguidade e popularizou-se com o apogeu do Cristianismo. Os mosaicos são frequentes nas igrejas bizantinas, passando a ser uma característica da Arte Bizantina.

Na atualidade, os mosaicos são usados em revestimentos de paredes de casas, prédios, muros, objetos de decoração, como vasos, tampos de mesa, etc...

Esta socialização pretende relatar uma experiência pedagógica a partir de um projeto com mosaicos. Na escola, os mosaicos podem ser feitos sobre diversos materiais como base, e para sua confecção podem ser usados materiais como massa corrida, massa acrílica e gesso.

Esse projeto iniciou na Escola de Ensino Fundamental Augusto Schramm, localizada no bairro Macuco, na cidade de Gaspar, SC, sendo esta Unidade de Ensino uma escola de campo. Todas as decisões do projeto para o ano letivo de 2015 foram tomadas por ocasião do Planejamento Anual.

O projeto tem por objetivos: conhecer a arte do mosaico e sua história; elaborar peças criativas em mosaico e desenvolver a coordenação motora e a concentração. O estímulo e desenvolvimento da leitura, como também a interpretação de textos, constituem essas práticas pedagógicas, podendo ter como estratégia a utilização de imagens e fotografias ampliadas para o trabalho em sala de aula.

A metodologia utilizada primeiramente para a execução do projeto foi a de organizar o espaço em grupos. Utilizou-se uma placa de MDF como base para o mosaico. Convém destacar, quanto à produção do mosaico em si, que a complexidade do desenho varia de acordo com a faixa etária da criança e com a proposta lançada pela professora.

Orientamos as crianças a fazer um desenho em cima do MDF, cortando pedaços de E.V.A de variadas cores, sempre separando-os por cores. Logo após esse procedimento, os alunos colaram pedaços de E.V.A. no contorno do desenho e começaram a preencher com a cor desejada. Após o término da colagem, preencheram os espaços com a massa acrílica, retirando o excesso. O desenho foi impermeabilizado com a cola ou verniz.

Diante do projeto executado e finalizado, seguindo a Proposta Pedagógica do Município de Gaspar, os resultados encontrados e obtidos foram constantemente processuais e contínuos. Proporcionaram aos alunos aulas significativas, com aprendizagens de forma divertida e prazerosa.



Fonte: Fotografia tirada das crianças desenvolvendo atividades do projeto.



Fonte: Fotografia tirada das crianças desenvolvendo atividades do projeto.



Fonte: Fotografia tirada das crianças desenvolvendo atividades do projeto.

HISTÓRIA POLICIAL

Mariana Lopes Junqueira e Rafael de Mattos Miranda

A atividade foi desenvolvida com os alunos da turma Atitude (nome dado à turma de aceleração), da Escola de Educação Básica Ferandino Dagnoni, de Gaspar, SC, no ano de 2015. Essa turma está cursando, em 2016, o 8º e 9º ano em um ano, e possui uma proposta de ensino diferenciada, onde os professores se dedicam em conjunto para o planejamento das atividades.

Os alunos da Atitude criaram uma história policial que se passava na escola, tendo os próprios alunos como personagem. A história foi desenvolvida na disciplina de Língua Portuguesa, lecionada pelo professor Rafael de Mattos Miranda.

Já na disciplina de arte, tendo por base o livro *A Toalha Vermelha*, de Fernando Vilela, os alunos montaram o cenário da história utilizando fita crepe, guache e caneta hidrográfica. Na sequência, fotografamos os alunos conforme a história criada na disciplina de Língua Portuguesa, adaptando cada personagem ao cenário.

A turma apresentou, ao desenvolver das atividades, criatividade, cooperação, solidariedade, expressão artística e também olhar crítico.

O trabalho foi exposto na 11ª Feira do Livro, em Gaspar, entre os dias 07 a 10 de outubro de 2015.



Fonte: Fotografia da Cena 1.
Gilvania coloca veneno na água do Elieslei



Fonte: Fotografia da Cena 2.
Elieslei oferece água para Valéria



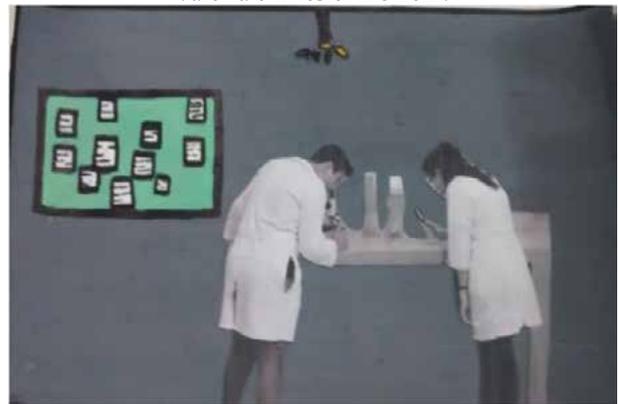
**Fonte: Fotografia da Cena 3.
Elieslei e sua namorada Letícia.**



**Fonte: Fotografia da Cena 4.
Valéria e Elieslei morrem.**



**Fonte: Fotografia da Cena 5.
A detetive Amanda interroga os suspeitos.**



**Fonte: Fotografia da Cena 6.
Os peritos analisam as provas do crime.**



**Fonte: Fotografia da Cena 7.
Wesley e Gilvania são presos.**

ARTE DIGITAL: CONTEMPORANEIDADE, ESCOLA E TECNOLOGIAS DIGITAIS

*Juliana de Favere
Luiz Guilherme Augsburger*

A contemporaneidade é marcada por um período de diversas transformações, destacamos o movimento de passagem de uma “modernidade sólida” para uma “modernidade líquida” (BAUMAN, 2014). Nessa modernidade líquida, a sociedade se configura como um *continuum* de fluxos multidirecionais que formam indivíduos multifuncionais e em constante aperfeiçoamento. Vai-se, paulatinamente, de uma sociedade linear e previsível em que as pessoas mantinham nos seus empregos por longos períodos e o período dos estudos era demarcado por grandes rituais de formatura, para uma sociedade em rede, multiconectada, em que o trabalho e estudos se confundem e se ampliam. Todavia, vale ressaltar que não há uma mera substituição de modelos, mas uma convivência de ambos, na qual há uma alternância de preponderância de um sobre o outro (BAUMAN, 2014).

Desta feita, nesta nova configuração social, emergem gerações com perfis diferenciados daquele do tempo de previsibilidade, e que vão se encontrar na Escola. O que vai tornar perceptível certo descompasso entre escola e as novas gerações – enquanto o estudante da atualidade é digital, a escola permanece analógica (VEEN; VRAKKING, 2009). Com a multiconectividade, a escola acaba aglutinando, além de diferenças de gerações, diferenças culturais. Tudo isso gera um “contexto de incertezas” (CANÁRIO, 2006, p. 16) que demanda da escola novos conteúdos, novas habilidades, novas tecnologias, novos desafios para os professores e para os estudantes.

Neste choque entre escola e jovens, numa espécie de mal-estar, causado pela falta de sentido (SIBILIA, 2012), as tecnologias digitais, especialmente as ligadas à internet, vão propiciar uma forma de comunicação que Marcos Silva (2000) chama de Todos-Todos, em oposição à forma “Um-Todos”. Nesta última, há um polo emissor (Um) que envia informação ou saber para um conjunto de pessoas (Todos) – é o que se dá na comunicação através do rádio, televisão e também na escola clássica, onde o professor é o “Um” e os alunos, o “Todos”. Já a comunicação “Todos-Todos” é multidirecional e plural, não havendo, assim, um polo emissor único, mas um verdadeiro diálogo. Este modo de comunicação e construção do conhecimento “Todos-Todos” pode, então, ser estendido aos conteúdos, às práticas e à estrutura escolar. Não como substituto do modelo “clássico”, mas como ampliação das possibilidades da educação escolar.

A partir disto, pode-se perguntar: qual o foco na escola? Ensinar ou aprender? Quando o foco é o aprender, as tecnologias digitais aparecem como uma ferramenta potente para aproximar as experiências e curiosidades dos estudantes no processo escolar. Além de possibilitar a resolução de problemas e a construção de conhecimentos com os estudantes de forma dinâmica e coletiva.

Não se trata das tecnologias digitais como solução a todos os problemas da escola, mas como um caminho possível. É aí que a arte aparece como saber, conteúdo e prática transversal – capaz de envolver distintas disciplinas – que, em articulação com as tecnologias, permite práticas que façam sentido ao estudante e tragam a criança como autora, como criadora no processo de aprender. É a partir desta perspectiva, também, que Arte e Tecnologias digitais se articularam na formação “Arte Digital”.

“Arte Digital”: formação e experimentações com tecnologias digitais

A formação “Arte Digital” foi ministrada a um grupo de professores da rede escolar pública municipal de Gaspar, divididos em seis grupos menores de professores. A formação inseria-se num grupo de seis formações, cuja visão é conectar “Arte” e “Educação”. A formação “Arte Digital” era composta de uma introdução ao tema, que iniciava com um panorama social e escolar da contemporaneidade e um conjunto de experimentações com tecnologias digitais e arte.

Antes de apresentar o panorama da atualidade, demandava-se que os professores buscassem uma imagem que representasse a “contemporaneidade” e, a partir destas imagens, compunha-se, em seguida, um mosaico. Este era um primeiro movimento de produção no qual os professores experimentavam uma ferramenta digital pedagógica no próprio movimento da oficina. As imagens permitiam compreender o repertório conceitual e imagético dos professores em relação à ideia de “contemporaneidade”. Também poderia ser utilizado em sala de aula para um diagnóstico inicial da turma ou para apreender a aprendizagem dos estudantes após um processo de construção de conceitos, por exemplo. Havia então uma breve conversa sobre o mosaico construído. O principal recurso digital utilizado foi o Power-point.

Depois de uma exposição sobre a atualidade, foi apresentado um vídeo sobre as gerações que convivem atualmente no mercado de trabalho, transpõe-se depois esse debate para o campo escolar junto a questionamentos como: “O que caracteriza essa geração?” “Somos tão distintos dela assim?”. Abre-se espaço, então, para uma contextualização da escola, de sua origem às questões atuais que a perpassam.

Propôs-se, na sequência, uma atividade de leitura de imagem, instigando os professores a construir significados. Aqui, outra possibilidade de uso pedagógico das oficinas, a análise comparativa de imagens, bem como, poder-se-ia utilizá-las para a produção de um texto – individual ou coletivo.

Após, uma reflexão sobre as prioridades do ensino fez-se um terceiro exercício com um software de “nuvem de palavras”, que permite o mapeamento de conceitos e noções dos professores – ou dos alunos.

Em seguida, os professores fizeram uma análise individual de dois materiais produzidos em experiências escolares que se utilizaram das tecnologias digitais e nos quais as crianças são também autoras do produto final. Após a análise individual, uma conversa sobre os apontamentos individuais, na qual se construiu em conjunto uma percepção dos objetos analisados. Nesta socialização, constatam-se as várias ferramentas utilizadas, assim como as várias habilidades e conteúdos que atravessam o produto, revelando seu caráter multidisciplinar. Enfatiza-se, assim, concretude do uso das tecnologias digitais como ferramentas potencializadoras de uma prática pedagógica que vá além do mero repasse de informações.

Por fim, são apresentados alguns sites úteis ao trabalho do professor como: “Portal do Professor” no Youtube, TV Escola, Domínio Público, Índio Educa, Porta Curtas, “Objetos de Aprendizagem” do MEC, além de ferramentas como mapa conceitual, softwares para apresentação de conteúdo de forma dinâmica, Ebooks, etc.

Vale ressaltar que, entre as discussões que figuraram nas oficinas, estava a potência pedagógica das tecnologias digitais, a necessidade de sua inclusão no cotidiano escolar em um contexto de uso pedagógico, as dificuldades de sua inserção neste ambiente e a necessidade de experimentação ligadas ao uso dessas tecnologias. Estas discussões que se iniciaram no âmbito da formação não pararam com as formações, uma vez que as reflexões continuaram nos textos elaborados pelos professores para essa publicação. Textos em que se articulam reflexões sobre o uso das tecnologias digitais na escola e práticas que lançam mão destas ferra-

mentas, atravessando várias disciplinas, temáticas e habilidades trabalhadas pelos professores – das redes sociais à fotografia, passando pela produção de um livro.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Zygmunt Bauman: vivemos tempos líquidos. Nada é para durar.** Disponível em: <http://lounge.obviousmag.org/de_dentro_da_cartola/2013/11/zygmunt-bauman-vivemos-tempos-liquidos-nada-e-para-durar.html> Acesso em 5 de março de 2014.

CANÁRIO, Rui. **A escola tem futuro?: das promessas às incertezas.** Porto Alegre : Artmed, 2006. 160 p, il. (Biblioteca Artmed. Fundamentos da educação).

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão.** Rio de Janeiro : Contraponto, 2012. 222 p.

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa.** Rio de Janeiro: Quartet, 2000.

VEEN, Wim; VRAKKING, Ben. **Homo Zappiens: educando na era digital.** Porto Alegre : Artmed, 2009. vi, 139 p, Il.

Juliana de Favere é graduada em Pedagogia e mestre em Educação pela Universidade Regional de Blumenau (FURB), doutoranda em Educação pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), integrante do “Observatório de Práticas Escolares” (UDESC).

Luiz Guilherme Augsburguer é graduado em História pela Universidade Regional de Blumenau (FURB), mes-trando em Educação pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), integrante dos grupos de pesquisa “Saberes de Si” (FURB), “Políticas de Educação na Contemporaneidade” (FURB) e “Ensino de Geografia, Formação Docente e Diferentes Linguagens” (UDESC).

ELABORAÇÃO DE LIVRO

Renato da Costa Brambilla
Leonida Nistler

Com este texto, objetivamos socializar um projeto desenvolvido, a partir das formações com professores da rede municipal Gaspar, SC, na Escola de Educação Básica Professor Vitório Anacleto Cardoso, que atende aproximadamente 480 alunos.

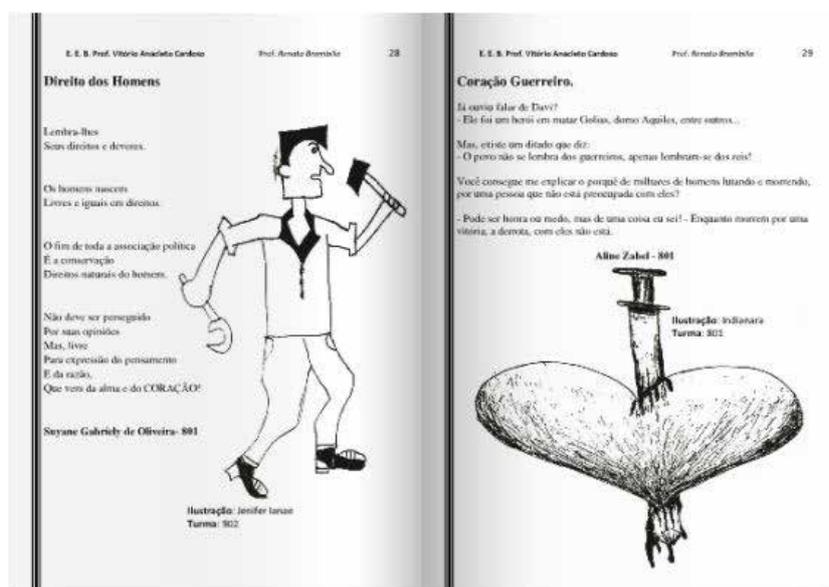
Iniciamos o trabalho na escola após observarmos o processo de leitura e produção textual dos alunos. Quando havia alguma atividade que exigisse a escrita dentro da norma-padrão, parte desses trabalhos permanecia em branco. Após muita insistência e poucos resultados, resolvemos tomar outro caminho, que culminou em uma prática pedagógica que envolveu todos os alunos, inclusive aqueles que apresentavam laudos médicos.

Esse projeto teve como objetivos: (1) motivar os alunos a uma leitura mais prazerosa; (2) aprender mais sobre a História; (3) pesquisar os diferentes contextos; (4) desenvolver a criatividade na escrita e oralidade; (5) capacitar os alunos para o trabalho em equipe; (6) desafiar as turmas a escrever um livro com o resultado das leituras que obtiveram; (7) enriquecer vocabulário; (8) possibilitar formas diferenciadas de escrita; (9) estimular o desenvolvimento das diferentes formas de arte; (10) desenvolver a auto confiança.

A comunidade escolar é bastante participativa. O projeto atendeu todas as turmas de sétimo, oitavo e nonos anos. Alunos com idade entre 11 e 15 anos.

“Nosso livro” foi uma ideia que surgiu a partir da observação dos alunos ao trabalhar textos e suas produções. Notamos dificuldades em compreensão de algumas palavras e de uma leitura mais atenta.

Ao iniciar o projeto, já conhecíamos uma ferramenta na internet disponível link: <<http://www.clubedoautor.com.br/>>, que permite hospedar conteúdos de sua autoria convertendo em um livro físico ou versão digital também.



Fonte: <<http://www.clubedoautor.com.br/>>

A ideia do projeto é simples: produzir um livro a partir dos registros dos alunos. Reunindo todo material que produziram, tiramos foto das imagens (desenhos) e ajustamos em um editor de texto. Após esse processo, buscamos colocar sempre o autor/turma em cada página.

Com o trabalho de formatação concluído, passamos para o processo de hospedagem, que consiste em converter o arquivo em PDF, recurso que o office disponibiliza. O próprio site faz o restante do trabalho.

Foi disponibilizado em uma plataforma gratuita o conteúdo. Dessa forma, os alunos podem acessar o livro por meio de seus tablets, celulares, notebooks, nets, PCs sem custo algum. A ferramenta que foi utilizada está disponível em: <<http://pt.calameo.com/>>. Utilizamos a mesma estrutura do livro para hospedar no site calameo.

A produção desse livro não foi tarefa simples. A dedicação de todos os alunos foi fundamental para que esse trabalho pudesse ser concluído. Vemos o brilho no olhar dessas crianças e adolescentes observando seus escritos e produções. Alegramo-nos com o orgulho deles ao mostrarem para seus pais os seus trabalhos.



Fonte: Fotografia tirada a partir das produções dos alunos.

Os alunos aprenderam a importância do conhecimento na hora da produção; - Aprenderam se dedicar para conquistar um objetivo, neste caso, a produção do livro; - Trabalhar em equipe, ajudando os que tinham dificuldade em criar na escrita;- Serem mediados na pesquisa, interagindo com diversas ferramentas para obterem informações; - Trabalhar rimas, dar sentido ao texto; - Ler e reler, corrigir, se preciso, até conseguirem com seu texto passar o que querem que outros reflitam na leitura.

No percurso observamos o potencial de leitura que os alunos estavam tendo. Gravamos em áudio e vídeo para transmitir o resumo dos livros que haviam lido. O resultado disso foi um momento em que os educandos puderam expressar as suas críticas sobre alguns livros que os mesmos usaram na produção do #nossolivro.

O projeto #nossolivro pode ser desenvolvido por outros profissionais, por ter características pontuais e de fácil acesso para que o professor possa mediar esse processo de forma que trabalhe em conjunto as ferramentas gratuitas disponíveis na rede.

O profissional/professor com o mínimo de conhecimento em um editor de texto (Word) pode produzir algo similar, tendo acesso à internet para hospedar os arquivos produzidos por seus alunos.

A produção deste livro pode ser adaptada para outras disciplinas. Abaixo, seguem algumas ideias:

- Reunir material referente à comunidade, realizando entrevistas com os mais velhos e publicação das histórias, como também folclores existentes na comunidade;
- Produção de projetos de matemática, utilizando imagens geométricas das mais diferentes formas;
- Construção de mapas a partir da região que os alunos estão inseridos;
- Produção textual, assim como romances ou pequenas histórias voltadas à literatura;
- Textos filosóficos que despertem o interesse dos alunos a pensar e produzir a partir de suas ideias;
- Traduções em outras línguas, assim como textos e contos feitos a partir de um conjunto de palavras ou frases;
- Trabalhar as regras de esportes, motivando os alunos a pesquisarem e contextualizarem determinados esportes, assim como suas regras para, em seguida, produzirem manuais a respeito;
- Catalogar experiências científicas e publicar seus resultados a partir de pesquisas promovidas pelo(a) professor(a) de ciências na unidade escolar.

As ferramentas digitais estão à disposição, a criatividade e experiências aqui citadas podem ser adaptadas de acordo com cada realidade escolar, grupos ou meio em que estão inseridos. Temos em mente como educadores, a importância de se criar meios e buscar recursos para maior acesso ao conhecimento, além de transmiti-los. Devemos, pois, preparar nossos alunos para não só o mercado, mas também para vida.

Esperamos que seja o primeiro de muitos trabalhos que serão adaptados a partir deste e que todos os próximos venham gerar ótimos resultados, como este.

GINCANA DE CIÊNCIAS NO FACEBOOK

Mary Susan Rossetim

São várias as discussões sobre as práticas escolares, as avaliações e as mudanças ligadas às novas gerações. No meio educacional, também discute-se a evasão escolar, que acontece por vários motivos, sendo um deles práticas pedagógicas descontextualizadas e não atrativas. Os alunos aclamam por aulas mais dinâmicas e descontraídas, e os professores, incluindo-me nessa classe travam diariamente uma luta desigual com a tecnologia. Não raro, relatam que, em virtude das interações sociais por meio das tecnologias digitais, os alunos não fazem suas tarefas de casa e poucos estudam. A partir disso, questiono: como competir com celulares e computadores? Foi então que apresentei um projeto de Gincana de Ciências no Facebook. A proposta era fazer com que os alunos estudassem fora do espaço escolar.

O projeto aconteceu na Escola de Educação Básica Norma Monica Sabel, com quatro turmas da oitava série (atualmente nono ano), sendo duas turmas do matutino e duas turmas do vespertino, no segundo semestre do ano de 2013. A gincana aconteceu em paralelo às aulas de ciências. Foi feito um levantamento dos alunos que tinham acesso à internet em casa, o que viabilizou o projeto. Primeiramente, foram recolhidas inscrições e autorização de uso de imagem. Para iniciar a gincana, fiz uma abertura com apresentação de vídeo, usei de várias ferramentas para produzir o vídeo, como editor de vídeo, editor de som, editor de imagens e ferramentas de pesquisa. Esse vídeo trazia as primeiras instruções sobre a gincana, como regras do jogo, nome da equipe, cor referência, mascote da equipe, grito de guerra, líder e a construção de uma página no Facebook.

As provas da gincana eram publicadas na minha página e na página de cada equipe, em dias aleatórios, cada prova envolvia um conteúdo estudado em sala de aula. Havia uma data e local para a entrega. As provas estimulavam diferentes conteúdos procedimentais e atitudinais, como a escrita, leitura de diferentes gêneros textuais, desenho, teatro, trabalhos manuais, música, pesquisa, cálculo, trabalho em grupo, liderança, criatividade, responsabilidade, pontualidade, entre outros.

Cada equipe criou uma página no Facebook, e todos os membros da equipe tinham a senha da página, era de responsabilidade de cada equipe alimentar a sua página todos os dias com conteúdos estudados nas aulas de ciências.

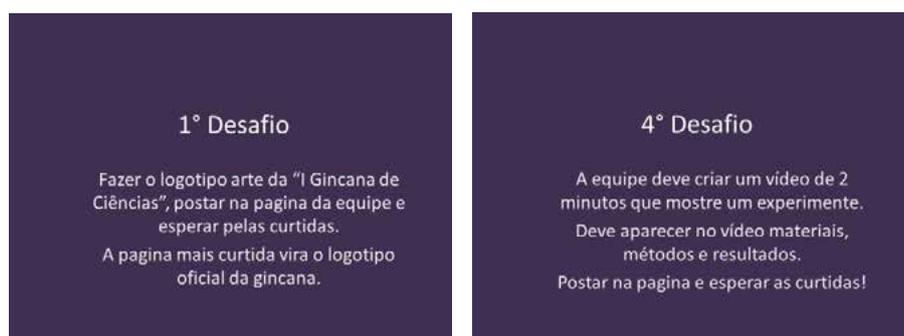
Além da gincana virtual, havia o dia da gincana física. Nesse dia, várias provas foram entregues, houve uma prova de recolhimento de material reciclável, que foi vendido e com o dinheiro promoveu-se um café de encerramento e entrega de medalhas de participação. As provas, por muitas vezes, envolveram a colaboração dos pais em casa, seja para construção de uma prova ou para a própria organização.

No dia da gincana, cada equipe apresentou um teatro sobre uma descoberta científica ou um cientista, sendo avaliada por professores que atribuíam uma nota. Outra prova consistia na apresentação de uma tecnologia antiga (máquina de escrever, telefones antigos, moedor, etc.). Houve a entrega de um objeto funcional para a escola que foi feito a partir de material reciclável. Durante todo momento da gincana, eram lançados exercícios dos conteúdos de física e química, com um tempo para serem resolvidos. Na prova de material reciclável, os alunos convidavam uma turma dos anos iniciais para fazer a torcida e colaborar com o recolhimento de resíduos. Em outra prova, os alunos organizaram uma pequena exposição

sobre a vida e obra de certos cientistas, toda prova a equipe era responsável por designar quem a faria.

Esse projeto movimentou toda a escola, e só foi possível com o apoio da direção e coordenação. A gincana não interferiu no cronograma das aulas, pois acontecia de forma paralela. Ela visibilizou pontos fortes e fracos de cada turma, fazendo com que partissem dos próprios alunos as mudanças necessárias.

Devemos conhecer esses novos “mundos” por onde passam nossas crianças e fazer parte dele. As novas tecnologias digitais estão presentes e devem ser inseridas no dia a dia das práticas escolares. No contexto escolar atual, é impensável não usar dessas ferramentas. Fazermos tarefas com a ajuda de um computador, as avaliações são elaboradas com o uso de softwares, internet e editores de texto. Chega um momento em que a presença desses materiais é mais útil e deve ser aproveitada na sala de aula.



Fonte: Imagem gerada a partir dos Desafios lançados nas páginas do Facebook.



Fonte: Imagem imagem gerada a partir da Página de uma equipe da gincana de ciências.



Fonte: Fotos tiradas dos Mascotes.



Fonte: Fotos tiradas do Teatro.



Fonte: Fotos tiradas da Prova do material reciclável.



Fonte: Imagem gerada a partir da Logo vencedor da gincana.

BLOG COMO FERRAMENTA DE TRABALHO

Patrícia Poffo da Silva

Segundo a Revista Veja, Garotas e Garotos da Geração Z, em sua maioria, nunca conceberam o planeta sem computador, chats, telefone celular. Por isso, são menos deslumbrados que os da Geração Y com chips e joysticks. Sua maneira de pensar foi influenciada desde o berço pelo mundo complexo e veloz que a tecnologia engendrou. Diferentemente de seus pais, sentem-se à vontade quando ligam ao mesmo tempo a televisão, o rádio, o telefone, música e internet. Outra característica essencial dessa geração é o conceito de mundo que possui, desapegado das fronteiras geográficas. Para eles, a globalização não foi um valor adquirido no meio da vida a um custo elevado. Aprenderam a conviver com ela já na infância.

Contudo, pode-se trabalhar e compreender os benefícios e malefícios do mundo virtual.

O projeto aqui socializado tem o objetivo de estabelecer uma conexão entre pais, alunos e funcionários de uma escola da rede municipal de Gaspar, SC, possibilitando que os mesmos tenham uma visão geral das atividades desenvolvidas na escola. Outro objetivo é oportunizar, a partir de enquetes, que os envolvidos participem ativamente de algumas decisões escolares.

Objetivos Específicos do projeto:

Conhecer os recursos do Linux Educacional.

Conscientizar os alunos da responsabilidade sobre a melhor forma de divulgação de imagem na internet.

Trabalhar a expressão escrita e verbal junto à tecnologia.

Metodologia:

O Projeto foi dividido por faixa etária, onde cada grupo ficou responsável por uma parte integrada dentro do blog, formando um total de 6 grupos:

Grupo 01 Mat./Vesp.: de 7 a 8 anos

Grupo 02 Mat./Vesp.: de 8 a 10 anos

Grupo 03 Mat./Vesp.: de 10 a 11 anos

Atividades desenvolvidas para chegada no produto final:

- Roda de conversa sobre Blog, Explicação do Projeto;
- Pesquisa em outros blogs para elaboração do nosso blog;
- Acesso ao blog e pesquisa de links de Jogos Educativos para publicar no Blog;
- Acesso ao blog para comentar as publicações;
- As equipes foram procurar os professores regentes para buscar publicações das salas correspondentes, equipes responsáveis realizaram as postagens;
- Redação para publicar, tema: Como eu me vejo e como vejo a escola?;
- A partir de uma imagem, criar um texto, filmar a leitura do mesmo para publicar;

Tempo estimado:

2 meses.

Produto final:

Divulgação do Blog: <http://eeangelica.blogspot.com.br/>

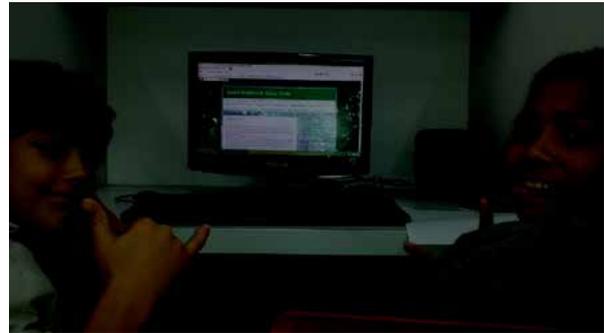
Avaliação:

Permanente

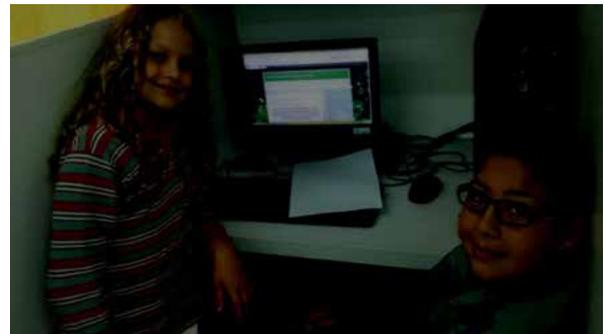
Anexos:



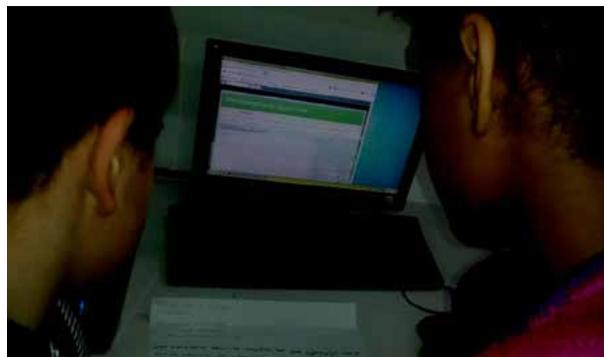
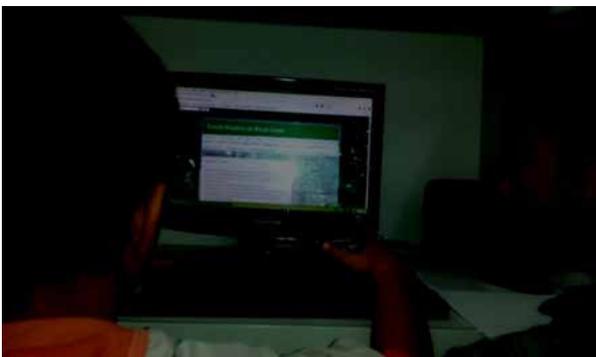
Fonte: Fotografia tirada durante o envolvimento dos alunos no projeto.



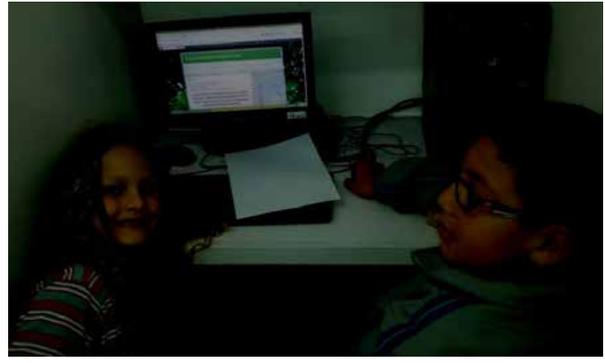
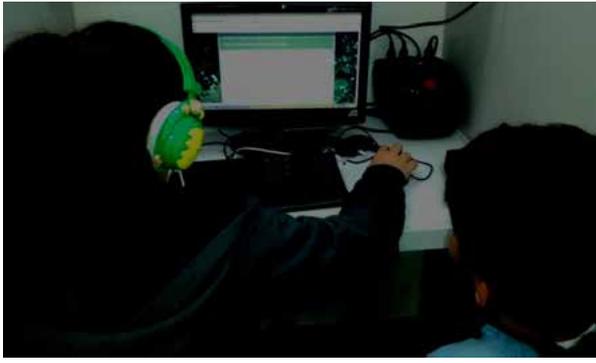
Fonte: Fotografia tirada durante o envolvimento dos alunos no projeto.



Fonte: Fotografia tirada durante o envolvimento dos alunos no projeto.



Fonte: Fotografia tirada durante o envolvimento dos alunos no projeto.



Fonte: Fotografia tirada durante o envolvimento dos alunos no projeto.

REFERÊNCIAS

VEJA. Características e perspectivas de uma juventude que conhece a internet desde a infância. Revista Veja online, Ed. Abril. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/jovens/apresentacao.html>>. Acesso em: 09/10/2016.

A EXPERIÊNCIA TEATRAL NO CONTEXTO ESCOLAR – GERANDO ENCONTROS

Pita Belli (Patrícia de Borba)

*As técnicas estão longe de ser sagradas.
Os estilos em teatro mudam radicalmente com o passar dos anos,
pois as técnicas de teatro são técnicas da comunicação.
A existência da comunicação é muito mais importante do que o método usado.
Os métodos se alteram para atender às necessidades do tempo e espaço.*

Viola Spolin

O teatro, além de configurar-se como atividade da comunicação humana, é uma expressão artística milenar, que acompanha o homem desde os períodos mais remotos da nossa história até os dias atuais. Alimenta-se da necessidade de compreensão das ideias, sensações e sentimentos humanos. É uma linguagem que provoca sensibiliza e emociona. Como expressão artística, é capaz de gerar transformações no meio social, ampliando a visão de mundo. E, ainda, estimula o indivíduo a se organizar em grupo, desenvolvendo a consciência da coletividade.

Sendo o jogo, a teatralidade, inerente às crianças desde os primeiros anos escolares, notamos que o teatro permite a vivência de experiências às mais diversas, nas quais o jogador pode se posicionar em estado de simulação, envolvendo suas emoções, valores e conceitos. Com relação a isso, Japiassu (2001, p. 26) diz que:

A finalidade do jogo teatral na educação escolar é o crescimento pessoal e o desenvolvimento cultural dos jogadores por meio do domínio, da comunicação e do uso interativo da linguagem teatral, numa perspectiva improvisacional ou lúdica. O princípio do jogo teatral é o mesmo da improvisação teatral, ou seja, a comunicação que emerge da espontaneidade das interações entre sujeitos engajados na solução cênica de um problema de atuação. (JAPIASSU, 2001, p.26)

Entretanto, para além das perspectivas levantadas até agora, o teatro se apresenta, também, como possibilidade metodológica de ensino dos mais diversos conteúdos. São factíveis as relações entre teatro e aprendizagem de conceitos científicos. A utilização de jogos dramáticos parece permitir o resgate do papel ativo do aluno no processo de construção do saber escolar. Pelo fato de ser o teatro uma atividade coletiva, pode permitir uma maior aprendizagem, pois o teatro estimula o processo de interação social.

Se nos atermos às considerações de Viola Spolin no que se refere à necessidade da constante atualização de metodologias, podemos considerar que o olhar atento, a escuta constante e o exercício da sensibilidade contribuem, em muito, para uma mais adequada condução dos processos de criação em teatro. É fundamental pensarmos no teatro como experiência.

REFERÊNCIAS

JAPIASSU, R. O. V. **Metodologia do ensino de teatro**. Campinas: Papirus, 2001.

SPOLIN, V. **Improvisação para o teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

Pita Belli (Patrícia de Borba) possui graduação em Artes Cênicas pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (1993) e mestrado em Teatro pela Universidade do Estado de Santa Catarina (2005). Atualmente é professora titular da Fundação Universidade Regional de Blumenau. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Improvisação Teatral, atuando principalmente nos seguintes temas: festival, teatro, estudo, montagem e apresentação, teatro, ensino, teatro-educação, direção teatral e espetáculo teatral.

O TRÂNSITO NA RUA ITÁLIA

*Sandra Maria Buchmann
Cheila Goedert Ribeiro*

O projeto “O trânsito na Rua Itália” iniciou em 2013 na Escola de Ensino Fundamental Professora Ana Lira com os alunos das 5^{as} séries que lá estudavam. A escola é multisseriada e contava com 53 alunos matriculados do pré ao 5º ano do Ensino Fundamental. O projeto “O trânsito na Rua Itália” teve início devido ao tráfego de caminhões e carros que transitavam em alta velocidade nas proximidades da escola. Alguns alunos tinham medo de vir de bicicleta para a escola e até a pé. Mas, o momento mais críticos, era no final da aula, quando os alunos saíam da escola. Houve vários sustos com alunos quase sendo atropelados. Então, em uma reunião pedagógica, decidimos lançar a idéia de fazer algo para amenizar ou solucionar o problema.

Inicialmente, conversamos com os alunos a respeito do que sabiam sobre o trânsito. Depois, perguntamos o que poderíamos fazer. Tudo foi registrado em cartaz que ficou exposto na sala de aula. A primeira atitude a ser tomada foi de fazer uma carta para o departamento de trânsito para colocar placas de sinais trânsito avisando sobre a escola. As placas foram colocadas, mas não resolveu.

Nesse período, trabalhamos as leis de trânsito para pedestres, motoristas e ciclistas, e os sinais de trânsito. Dramatizamos situações de infrações de trânsito com o intuito de problematizar quem poderia estar certo e quem poderia estar errado. Marcamos uma reunião com os alunos e o presidente da Associação de moradores do bairro e explicamos a situação dos alunos da escola. Os alunos pediram para o presidente da associação falar com o dono da empresa responsável pelos caminhões para diminuir a velocidade na estrada. Deu certo. Os caminhões transitavam mais devagar, obedecendo a sinalização. Porém, não resolveu totalmente o problema, pois havia também o tráfego de carros pequenos, que também circulavam em alta velocidade próximo à escola.

Diante disso, resolvemos fazer uma placa do jeito das crianças, com uma mensagem delas. Pedimos ajuda novamente ao presidente da Associação de Moradores que, por sua vez, trouxe para a escola uma empresa que faz placas. Explicamos juntamente com os alunos como queríamos que ficasse a placa. Ficou decidido que escreveríamos o seguinte: “DEVAGAR NOSSA ESCOLA”. Embaixo da placa, colocaríamos desenhos de mãos simbolizando cada criança da escola e funcionários.

Assim foi feito. No dia em que vieram as placas, cada aluno escreveu seu nome abaixo das mãozinhas e colocamos perto da escola, nos dois sentidos. A Associação de Moradores, juntamente com a empresa que fez as placas, doou para a escola as duas placas, não havendo assim, gastos.

Os alunos estavam muito orgulhosos pelo que fizeram, e por ser uma placa diferente chama a atenção dos que passam. A velocidade diminuiu e não tivemos problemas de excesso de velocidade nas proximidades da escola. A placa foi colocada em setembro de 2013 e ainda hoje (2016) se encontra no local.

PROJETO MEU AMIGO PEQUENO PRÍNCIPE: UMA VIVÊNCIA DE UM GRUPO DE PROFESSORES, BOLSISTAS PIBID, ALUNOS, PAIS E FUNCIONÁRIOS DA ESCOLA

ERVINO VENTURI

Elisiana Cecília Wehmuth

Primeira parte (março a agosto de 2013)

Esse projeto surgiu da vontade de um grupo de professores de trabalharmos numa metodologia por projetos de trabalho e com a concepção de aulas abertas na docência. Participaram do projeto os alunos do 2º ano B, a professora regente, a professora suporte, a professora supervisora do PIBID FURB (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência da Universidade Regional de Blumenau) e cinco (5) bolsistas PIBID da iniciação a docência.

Para viabilizarmos o projeto, tínhamos que quebrar os horários pré-estabelecidos dentro da escola, pois trabalhar por projetos requer que nos desconectemos da hora aula. A partir de um ajuste de horário, conseguimos atuar em espaços compartilhados, ou seja, professora regente e suporte na quadra e, às vezes, nós, Pibidianos (bolsistas de iniciação à docência e bolsista supervisora), na sala.

Pesquisamos sobre o foco de interesse destes alunos e, segundo seus relatos, bem como sinalizamos em nossa observação, concluímos que esses alunos adoravam imaginar, sonhar... Nada mais emocionante que um ótimo livro para podermos instigar, promover a imaginação, o sonho desses alunos. A partir dessa temática, a obra escolhida para o projeto, *O Pequeno Príncipe, de Antoine de Saint-Exupéry*, proporcionou uma gama de leituras, quer sejam de imagens, quer sejam de bilhetes, quer sejam de pequenos textos, quer sejam de pesquisas, de cartas enigmáticas, quer sejam da realidade social das crianças através de seus jogos e brincadeiras, tão pertinentes à idade da infância (jogos do amigo Pequeno Príncipe).

A leitura do livro pelos professores e bolsistas foi necessária para que compreendessem e que discutissem alguns pontos da obra, principalmente a interpretação de cada um sobre o texto. A proposta foi trabalharmos a leitura de um mundo imaginário (a partir da obra), a leitura de um mundo real (o que temos em nossa sociedade) e a leitura de um mundo ideal (proposto pelas crianças a partir das duas leituras anteriores). Desta forma, estaríamos confrontando o mundo da imaginação (obra) com o mundo que temos (leitura a partir da realidade social) e o mundo o ideal (construído pelas propostas das crianças).

Numa proposta por projeto de trabalho, deve-se perguntar se ambas as partes estariam dispostas a participar do projeto. Como perguntar aos alunos? Planejamos perguntarmos através da brincadeira do mapa do tesouro. As crianças tiveram que decifrar as várias charadas, lendo as várias pistas do mapa. Nesta atividade, trabalhamos que a qualidade de vida depende da nossa alimentação, onde as crianças experimentaram alimentos saudáveis (suco de frutas (uva) e frutas (kiwi, mamão, manga) representando a alimentação ideal e as guloseimas (alimentação mais restrita)). Abordamos atividades corporais como: carregar o amigo; contar nossos passos ora de olhos abertos ora de olhos fechados; andar de várias formas; etc. Mas o desafio era perguntar aos alunos se queriam participar deste projeto, e esta era a parte mais

importante da atividade. Numa das charadas surge então a pergunta do Pequeno Príncipe: você quer ser meu amigo? Nesta atividade as crianças estavam usando o aprendizado da leitura para se apropriar de uma informação e interagir na sociedade: descobrir o tesouro (um amigo)!

As crianças solicitaram vivenciar novamente essa brincadeira, quando construíram seu próprio mapa para seus amigos decifrarem as charadas. Podemos observar como esses alunos perceberam o espaço da escola utilizado no mapa para realizarem as tarefas e charadas, em relação ao próprio corpo e seu movimento (andar, pular, subir, carregar, etc.); em relação ao corpo e matemática (na frente de; atrás de; 10 passos para frente); e em relação à escrita e sua interpretação (charadas para decifrar).

Surgiu, assim, a problemática: como nos comunicariamos com as crianças? Criamos o tubo mensagem, ou seja, um cano de PVC pintado e colorido de estrelas, onde tanto o Pequeno Príncipe quanto os alunos colocariam suas mensagens (cartas e bilhetes). Para contarmos a história sob a perspectiva do pequeno príncipe, e não do seu amigo aviador, utilizamos as tics, enviadas por pen drive. A cada vez que editávamos o texto utilizando o movie maker, mais apreciávamos a forma como o autor escreve sua história. Esse fato nos entusiasmou, mas também nos preocupou, pois não é tarefa fácil reescrever O Pequeno Príncipe.

Percebemos como esses alunos concentravam-se para lerem as mensagens e como perguntavam sobre questões relativas ao texto. Nossa intervenção nesse momento era de provocar os questionamentos em relação à leitura, quem era o amigo do Pequeno Príncipe? O que ele fazia? Quais brincadeiras e jogos eram seus preferidos? O contexto destas mensagens tinha como foco a vida comum de um menino, ou seja, do que gosta suas brincadeiras, etc. Surgiram várias discussões, e possibilidades de jogos e brincadeiras que as crianças sugeriram. Era necessário observarmos as falas desses alunos ou suas mensagens escritas para, mediante suas propostas, realizarmos várias atividades que seriam o foco de seus interesses.

No decorrer do projeto, também começávamos a experimentar a leitura por imagens. Mediante aos questionamentos: qual seu nome; que idade tinha? Os alunos desenharam como era nosso amigo PP (Pequeno Príncipe)? A resposta foi que 90% da turma desenhou o menino. Expomos o desenho gigante do PP na sala, onde os alunos fizeram uma releitura da aquarela do autor Saint-Exupéry. Essa atividade envolveu os professores de artes e regente de sala.

Essa obra traz ainda a leitura de imagens, da qual ressaltamos o desenho da jiboia. Quase toda turma, ao ver o desenho, disse ser um chapéu, mas um menino, ao ler essa imagem, disse: não pode ser um chapéu, pois tem um olho ali no canto! Essa atividade proporcionou também a participação de algumas crianças que ainda não se apropriaram da leitura e escrita, mas que devem também expressar sua ideia sobre o texto. Essas releituras de imagens foram bastante gratificantes, pois as crianças perceberam que imagens também expressam alguma informação.

Nesse projeto, temos realizado várias propostas, de como é o mundo do Pequeno Príncipe e como é o nosso. Nessas intervenções, de como é o mundo do menino e os mundos que ele está visitando, que abordamos os jogos e brincadeiras da realidade dessas crianças (jogos com suas regras) e jogos criados por sua imaginação (jogos com regras estabelecidas pelas crianças).

Tentamos abordar algumas das problemáticas que surgem das conversas entre o menino e o aviador. Principalmente através das nossas correspondências, buscamos observar qual a ideia que cada criança faz do texto, faz das preferências das brincadeiras e jogos de um menino.

Mediante essas interações, realizamos oficinas de reciclagem: uma com as embalagens

recolhidas pelo PP no nosso mundo, com as quais os alunos criaram um jogo de boliche; e dos jogos enviados pelo amigo (peteca e frisbee), confeccionados com material reciclável. Nessas atividades, os alunos construíram o objeto, pesquisaram e debateram sobre como se joga, quais as regras, disposição na quadra, pontuação, campeonato. Trabalhamos realizar de várias formas, conhecer jogos e brincadeiras, perceber o corpo no tempo e espaço, noções matemáticas de quantidades.

Segunda parte (setembro a novembro de 2013)

Nessa etapa do projeto, nosso objetivo era de que os alunos conhecessem a história contada pelo autor. Dessa forma, o amigo PP deveria despedir-se dos alunos. Despedimo-nos em dois dias: No primeiro dia, deixamos uma “caixinha de recados”, com as frases mais célebres do autor e que lembravam o PP. Para nossa surpresa, as crianças leram e nos perguntaram sobre o significado dessas frases. No segundo dia, deixamos uma carta nos despedindo. Junto com a carta, algumas guloseimas, para deixar o momento menos triste. O relato da professora foi de que as crianças ficaram muito tristes, embora ganhassem presentes.

As crianças não acreditaram nesse fato, e decidiram escrever para o amigo. Cada criança deixou sua carta em cima de uma mesinha na sala, pois já não existe mais o tubo mensagem. As cartas ficaram na sala e não pegamos nenhuma destas, embora cada vez que entrávamos na sala, as crianças comentavam esse fato.

Trabalhar estas questões das despedidas realmente é uma das temáticas que nos preocupou imensamente. No universo infantil, é muito delicado abordar este tema, embora ele seja uma realidade que cada vez mais as crianças estão enfrentando no seu dia a dia. Entretanto, o livro termina com a despedida do pequeno príncipe. Conforme o texto do livro, trabalhamos com as crianças a questão das despedidas, quer sejam passageiras (pessoas que vão embora de nossas vidas) quer sejam perenes (a questão da morte).

Pensando nesta segunda parte do projeto (leitura da obra), enviamos de presente ao 2º ano o livro por correio, com endereço de Florianópolis, pois historicamente o autor era aviador do correio aéreo na segunda guerra mundial (1944) e pousava nessa cidade. A partir do capítulo XVI, a obra aborda as viagens do menino escritas pelo amigo aviador, no nosso planeta terra. A partir de setembro, iniciamos a leitura na íntegra do livro.

Realizamos uma retrospectiva, mostramos o livro para as crianças abordando as histórias que eles já conheciam. A reação desses alunos, ao terem contato com livro, foi de propriedade de falarem das histórias já conhecidas (pendrive). As crianças decidiram convidar a diretora da escola; a professora do 5º ano, um Pibidiano; uma merendeira, uma mãe e um pai para lerem os capítulos seguintes. Elas organizaram-se em grupos, elaboraram o convite, e se responsabilizaram por entregá-lo aos destinatários. Professores e bolsistas ofereceram auxílio para essas pessoas convidadas e participamos sempre das mediações, dos questionamentos sobre o texto, pois estávamos mais inteirados na história. Surgem vários questionamentos, inclusive sobre como ele viaja, como era a segunda guerra mundial, etc. Todos os participantes são questionados, como por exemplo, o grupo do PIBID, quando um aluno diz: e os Pibidianos, o que entenderam dessa história?

Esse projeto tem como objetivo vivenciar através da literatura do Pequeno Príncipe a imaginação, o sonho, a criatividade, os questionamentos e as relações sociais; abordando como é importante ter amigos; que o valor das coisas está na simplicidade; que valores como o respeito, a dignidade, a verdade, a sabedoria, a humildade, o amor, são imprescindíveis para que possamos viver numa sociedade mais justa e mais humana. Proporcionamos à criança a vivência do mundo imaginário (livro do Pequeno Príncipe), confrontando-o com o mundo real (sociedade em que vivemos) e com o mundo que queremos ter (mundo criado pela criança).

Para finalizar o projeto, os alunos construíram um roteiro para um teatro, ressaltando as suas impressões sobre essa história. Através da construção coletiva desse texto, podemos perceber quais foram as aprendizagens que esse grupo conseguiu apropriar-se durante todo o projeto: Escrever, ler e compreender o texto; conhecer e vivenciar as suas possibilidades corporais; conhecer, criar e vivenciar jogos e brincadeiras; ser pesquisador; expor suas ideias; ser crítico e reflexivo sobre as questões abordadas no projeto.

Construído o roteiro, partimos para os personagens (criação de como será cada um), o cenário, as músicas, etc. Discutimos cada item para compor essa peça teatral, ou seja, as várias funções (contrarregra, som, personagens, narrador, etc.). A ideia foi fazermos um teatro de mímicas. Exploramos com as crianças a interpretação através da expressão corporal de cada personagem, ou seja, enquanto um aluno narra a história, o outro a interpreta com seu corpo. Desta forma, pudemos proporcionar que todos os alunos participassem do teatro, pois tínhamos alunos com dificuldades na fala. Esse teatro foi apresentado para toda a comunidade escolar.

Participar, pensar, criar um projeto deste é extremamente desafiador. Ele envolveu não somente os alunos e os professores atuantes nessa turma, mas também as merendeiras, zelador; e interagir com um grande grupo é um enorme desafio. Congregar ideias, gerenciar conflitos e sobremaneira desconstituir certezas foram obstáculos enfrentados. É necessário ousar por abordagens metodológicas mais condizentes com a realidade social-histórica e crítica da qual seus alunos estão inseridos. Ou seja, favorecer a aprendizagem da forma a ressignificar esses conteúdos, globalizando e contextualizando-os, integrando esses saberes a fim de que se promova uma aprendizagem significativa.



Fonte: Fotografia do Mapa do Tesouro



Fonte: Fotografia dos alunos envolvidos no projeto.



Fonte: Fotografia do Jogo de Boliche.

A SÉTIMA ARTE NA ESCOLA

Nestor Alberto Freese

O uso do cinema em sala de aula já não é novidade há décadas. Há inúmeras pesquisas que intensificam o potencial didático de um filme através da análise de recursos verbais e não verbais e dos variados métodos de utilização dessa arte em sala de aula. Por conta de uma versatilidade temática enorme, nota-se que o cinema facilmente se encaixa nas disciplinas mais diversas, podendo servir como base para alguma discussão histórica, moral, social, para análise da adaptação de uma obra literária, como tutorial de alguma modalidade esportiva ou aplicação prática de algum cálculo, ou até mesmo ser exibido com intuito motivacional. O que se percebe, no entanto, é que a discussão sobre filmes, quando ela de fato existe, é tencionada geralmente pelo conteúdo e raramente pela forma. O cinema é uma arte e assim como as demais modalidades artísticas chama atenção não somente pelo conteúdo ou mensagem que pretende transmitir, mas também pela forma. Propõe-se neste texto, que sintetiza a proposta de trabalho realizado durante o processo de formação continuada da rede municipal de Gaspar, SC, demonstrar de forma sucinta alguns dos elementos de linguagem cinematográfica que passam normalmente despercebidos pelo espectador, mas que, além de serem produtores de significado, também são os responsáveis pelo “colorido da narrativa”.

Se o cinema, na forma como se configura hoje, é um veículo narrativo, ou seja, pretende contar uma história e transmitir uma mensagem, pode-se valer da ideia que “não basta ter uma boa história, é necessário que ela seja bem contada para que haja um efeito”.

Para que se possa entender como a linguagem cinematográfica se constitui, faz-se necessário uma rápida retomada histórica sobre o desenvolvimento técnico e os experimentos com a câmera que se deram ao longo dos anos.

Um breve relato sobre a fantástica história do cinema

Conforme nos aponta Bernadet (1985) e Amount (2011), a história do cinema é cercada de “por acasos”. Considerados os precursores do cinema, os irmãos Lumière em 1895 resolvem fazer exhibições ao público de algumas cenas do cotidiano, uma delas é a famosa *L’arrivée d’un Train à La Ciotat*. Trata-se da imagem de um trem chegando em uma estação. Essa cena que hoje não causaria impacto a espectador algum, foi impressionante para aqueles que a assistiram em 1896. Havia, provavelmente, naquele momento a sensação de que o trem sairia da tela pela falsa impressão que se tem de movimento da rápida exibição dos fotogramas. Essa sensação de susto ou surpresa temos, por vezes, ainda hoje e isso independe de o filme ser assistido em 3D.

Outra figura importante para o desenvolvimento do cinema como arte é Méliès, que introduz a sobreposição de imagens através do “corte”. O público começa a se impressionar com a visão de uma imagem se transformando em outra quase como num show de ilusionismo.

Além da sensação de movimento que a sequência de fotogramas produz, outro fator importante na história do cinema é o início da movimentação de câmera.

Outro fato básico para a evolução da linguagem foi o deslocamento da câmera que abandona sua imobilidade e passa a explorar o espaço. Muito cedo, ela se deslocou, quando estava num trem ou num barco em movimento, ou numa gôndola: é em Veneza, em 1886, que teria sido feito; meio que involuntariamente, o primeiro movimento. (BERNADET, 1980, p 34)

O que se conhece hoje como narrativa cinematográfica levou um tempo para se formar. O cinema ganha outra roupagem quando se começa a tentativa de contar histórias através da sequência de imagens. No início dessa empreitada, alguns diretores contavam a mesma cena duas vezes de uma perspectiva diferente, já que compreendiam que dessa forma o ato a ser mostrado ficaria mais claro ao espectador. Atualmente, temos diversos tipos de narrativa. Há filmes com a história iniciando a partir do desfecho, à exemplo de *Cães de Aluguel* do diretor Quentin Tarantino, ou aqueles em que o enredo é um quebra-cabeças e que a história só fica clara somente no final, como em *Crash* do diretor Paul Haggis.

É nos EUA que o cinema começa a contar histórias. E de lá também é que surge a base para a teoria cinematográfica. O primeiro a perceber o cinema como linguagem foi D.W. Griffith. É ele que deixa claro que toda movimentação de câmera, utilização de diferentes ângulos e recortes de imagens, produzem um determinado efeito. E nesse momento serão explanados alguns dos elementos técnicos que constroem a narrativa cinematográfica.

Linguagem cinematográfica

Por um longo tempo, o cinema foi considerado a arte detentora da realidade, uma vez que por traz das imagens há o olhar mecânico da câmera e não o subjetivismo de um artista. No entanto, não se pode tomar essa afirmação como verdade absoluta. Sabemos que por traz de um filme há uma manipulação gigantesca de diretores, produtores, sonoplastas e por aí vai.

Basicamente, após a captação de imagens, há um processo de análise, de síntese, e de montagem. Os elementos básicos que estruturam a forma da narrativa fílmica são: movimento, plano e ângulo de câmera, assim como a iluminação, trilha e efeitos sonoros.

Com relação ao movimento de câmera, podemos citar basicamente dois, os “travelings” e as “panorâmicas”. Os primeiros se referem a quando a câmera se movimenta através de um carrinho, usado em uma cena de perseguição, por exemplo. Tal movimento ajuda a causar um efeito de adrenalina no espectador. Seria como se ele estivesse correndo junto com o personagem. A “panorâmica” é posicionada em um tripé ou estrutura parecida, de forma que fique estática, movimentando somente o visor para cima, para baixo e para os lados. Mas, naturalmente, a câmera não só se movimenta, mas faz recortes no espaço. Esses recortes são chamados de planos. Vejamos alguns exemplos:



Fonte: Imagens do filme *Once upon a time in the West*(1968)



Fonte: Imagens do filme *Once upon a time in the West*(1968)

Os planos apresentados acima são respectivamente o “plano geral”, que mostra um grande espaço em que os personagens mal conseguem ser identificados, o “plano conjunto”, que prioriza na cena o ambiente da ação, “plano americano” (nas duas fotos seguintes), que corta os personagens na coxa ou no busto, o “primeiro plano”, que foca o rosto e o “plano de

detalhe”, que filma somente uma parte do corpo ou um objeto. Cada um desses planos tem um efeito diferente. É possível aqui atribuir significados ou funções para os planos. Os planos mais próximos seriam mais voltados para questões subjetivas, sentimentos, pensamentos, ou seja, para as reações emocionais dos personagens. Os planos médios intentam mostrar os personagens agindo. É um plano relativamente próximo não ao ponto de enfatizar a feição emocional do ator, mas sim o que ele faz, assim como as relações entre os personagens e o meio, diálogos, discussões, tensões, etc.

Além dos planos, há também os diferentes ângulos: *contreplongée* (câmera baixa) e *plongée* (câmera alta). Se a câmera é posicionada em um ângulo inferior ao personagem, a sensação que se tem é que o sujeito que aparece na tela é maior do que realmente é. Esse posicionamento de câmera é usado, por exemplo, para construir um ar heroico ao personagem. Quando se aplica uma *plongée*, o efeito costuma ser o oposto. Com a câmera por cima do personagem, cria-se um efeito de opressão.

Outros elementos causadores de efeito e significado são a iluminação e a música. Tomando um filme em preto e branco como exemplo, a iluminação não serve somente para criar destaque ao personagem, mas também intensificar alguma atmosfera. Por exemplo, cidadão Kane, em que variadas vezes o egocentrismo do personagem ou os pensamentos ambiciosos são intensificados pela diminuição de luz. Quanto ao ruído e a música, os efeitos são claros e imediatos. Lembre do filme Titanic. As cenas românticas do filme não seriam tão marcantes sem o fundo musical de Celine Dion. Podemos ter como exemplo também a música e o ruído num filme de suspense. O que de fato intensifica o susto são geralmente o movimento brusco de câmera, um ruído forte e repentino e o acompanhamento de uma trilha sonora tensa.

Naturalmente, os pontos citados aqui como elementos da linguagem cinematográfica não são analisados isoladamente, há que se perceber sempre a relação que movimentos, planos e ângulos mantêm entre si. Como em um texto que só cria um sentido sendo analisado como um todo.

Esperamos que a formação de cinema tenha possibilitado um olhar técnico com relação às imagens em movimento, que não só poderia, mas deveria ser trabalhado nas escolas. Se as discussões mais atuais na Educação giram em torno do Letramento, devemos ter em mente que o conceito não se limita somente a modalidade escrita. Vivemos hoje, como afirma Pereira (2014), sob o domínio do imagético e das informações instantâneas. Eis a importância de ensinar a ler imagens, pois vale lembrar que as técnicas do cinema vão além da esfera artística, alcançando o nosso dia a dia social, como nas campanhas publicitárias e nas propagandas políticas.

REFERÊNCIAS

AMOUNT, Jacques. A estética do filme. Campinas: Papirus, 2011

BERNADET, Jean-Claude. O que é cinema. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985

PEREIRA, Antônio Serafim. Educação em cartaz. Histórias de cinema. Canoas: Ed da ULBRA, 2014

Nestor Alberto Freese é professor no curso de Letras – Língua Alemã da FURB. Graduado em Letras e mestre em Estudos da Tradução pela UFSC. Tem como linha de pesquisa: Língua alemã, Tradução, Literatura, Cinema e Educação.

CÁPSULA DO TEMPO

Aline Luíza Simon

No ano de 2013, as turmas dos 8^{os} anos (matutino e vespertino) da E.E.B. Ferandinno Dagnoni, da rede municipal de Gaspar, SC, trabalharam na disciplina de língua portuguesa o gênero textual ficção científica, conforme proposta curricular do município.

Foram trabalhados em sala de aula textos relacionados ao assunto, interpretações textuais, pesquisas relacionadas ao gênero, produção de uma história de ficção científica de como imaginam a vida em nosso planeta no ano de 2063. Surgiram criações fantásticas, a imaginação trouxe relatos de um futuro onde a tecnologia impera em sua totalidade. Carros voadores, computadores que organizam a rotina da família e a organização da casa. Assistiram ao filme de ficção científica produzido em 2009 pelo diretor James Cameron, intitulado Avatar, que relata a destruição do meio ambiente, em Pandora, local habitado pelo povo Na'vi (humanóides). No filme, tal destruição é provocada pela ganância dos seres humanos.

A participação da turma para o desenvolvimento dos trabalhos foi fundamental para alcançar as expectativas. Todos se envolveram na criação e organização dos mesmos.

Para encerrar o tema, cada aluno escreveu uma carta para ele mesmo no futuro. Os relatos foram anexados com imagens impressas de fatos e objetos que marcaram o ano de 2013, além de objetos pequenos que para eles possuíam algum valor sentimental. Tudo foi encapsulado em 2 tubos de pvc que foram enterrados no terreno da escola. As cápsulas do tempo serão abertas no dia 15 de setembro de 2018. Um sábado. Nesse dia, a turma se reunirá para trocar experiências e reviver um pouco o período em que estudavam juntos, pois no momento que partem para o ensino médio, muitas mudanças ocorrem e, muitas vezes, com isso, o distanciamento de velhas amizades.

O principal objetivo do trabalho da cápsula do tempo é de em 5 anos analisar as diferenças que ocorreram em suas vidas, o amadurecimento de ideias, as mudanças em nossa volta, como tecnologias, saúde e do ambiente político-social em que vivem.



Fonte: Fotografias geradas a partir do trabalho com a cápsula.



Fonte: Fotografias geradas a partir do trabalho com a capsula.



Fonte: Fotografias geradas a partir do trabalho com a capsula.



Fonte: Fotografias geradas a partir do trabalho com a capsula.



Fonte: Fotografias geradas a partir do trabalho com a capsula.

SEMANA DE PREVENÇÃO E COMBATE AO USO DAS DROGAS LÍCITAS E ILÍCITAS

Professores e alunos da turma de aceleração (Atitude) na Escola Ferandino Dagnoni

A presente socialização pretende relatar uma experiência pedagógica de professores e alunos da turma de aceleração (Atitude) na Escola Ferandino Dagnoni, da rede municipal de Gaspar, SC, durante o mês de julho de 2015. Escolhemos abordar o tema de prevenção e combate ao uso das drogas lícitas e ilícitas tendo em vista a facilidade de acesso ao consumo de drogas por parte dos jovens e adolescentes e ao fato da droga estar cada vez mais perto da escola, em alguns casos dentro da própria escola. Também, percebe-se que, no meio familiar, esse assunto não é abordado nem discutido, assim os alunos não têm acesso às informações necessárias sobre os efeitos e consequências do consumo de drogas.

Na disciplina de Matemática, a professora Maria Bernadete exibiu o filme ‘Diário de um adolescente’ (SCOTT KALVERT, 1995) que aborda a história de um jovem atleta promissor de basquete que, devido a problemas familiares e sociais, se envolve com o consumo de drogas e prostituição.

A professora organizou também uma conversa sobre o tabagismo. Como a maioria dos alunos tinha familiares fumantes, foi proposto aos alunos um cálculo das despesas mensais e anuais que esse vício acarreta, conscientizando aos alunos sobre o fato do vício, além de fazer mal à saúde fazer mal ao bolso e construiu um painel com imagens que mostram as consequências do cigarro na saúde e à aparência humana.

A professora Marina Seidel, de Educação Física, a partir da leitura de um texto, conduziu uma discussão sobre os efeitos e os sinais que evidenciam o uso de anabolizantes. A professora também convidou um atleta para conversar com os alunos sobre esse assunto. Após isto, foi organizado um painel com os atletas que fizeram uso de substâncias proibidas e foram pegos no exame *anti-doping*.

O professor Mário Jaques, na disciplina de História, Filosofia e Ensino Religioso, organizou uma exposição oral abordando as drogas como questão cultural, as drogas e as religiões e as drogas psicoativas e a Filosofia. No painel sobre drogas, o professor compartilhou uma reportagem sobre as drogas e os efeitos no nosso organismo.

A professora Tamily, de Ciência, organizou um painel sobre o efeito das drogas no corpo humano e, durante a aula, entregou para os alunos uma folha A3 e uma cópia de um corpo humano (anatomia). Foram projetadas as fotos do mural e os alunos foram copiando na folha A3 e localizando no corpo humano cada um dos órgãos. Posteriormente, tivemos a palestra com o acadêmico de Psicologia, Jeferson dos Santos. O acadêmico iniciou com uma apresentação de slides no projetor multimídia, depois fez uma dinâmica: pediu para os alunos colocarem no centro de uma folha branca o nome e, ao redor, nomes de pessoas que são amigos deles. Em seguida, eles tinham que representar com flechas quem os influencia ou se eles influenciam alguém. Ao final da palestra, eles responderam a um questionário.

Alguns resultados da palestra:

Psicologia para eles é: conversar para tentar entender os problemas que a pessoa tem; entender a pessoa para ela ter bem-estar.

Adolescência para eles é: um momento de opiniões contrárias, que eles estão mais

independentes (Letícia), conversa com os amigos, festa, sexo (atração sexual por outras pessoas). Época de desejos, responsabilidades e identidade sexual. Eles ficam envergonhados. Os amigos servem para conversar, ajudar e têm ciúmes.

Influência: às vezes as pessoas dizem que é culpa da influência para justificarem seus erros. As pessoas precisam ter equilíbrio emocional.

Situações de risco: redes sexuais, atos criminosos e drogas (influências). Sempre que temos alguém no meio, pode ser influenciado por outra pessoa.

Os alunos também participaram de uma palestra com os psicólogos do CAPES. Os psicólogos abordaram as drogas em geral, enfatizando o cigarro e o álcool (parte afetiva - família, aceitação e admitir, acompanhamento). Há dados que a internação só cura 2% dos dependentes. Falaram das casas terapêuticas. Os psicólogos acreditam que é importante que o doente tenha o acompanhamento e esteja na comunidade.

O professor Maurício Galvão Bento, de Geografia, trabalhou um texto sobre o tráfico de drogas na Colômbia.

Na disciplina de Artes, a professora Mariana Lopes Junqueira fez uma análise de imagens que demonstra o antes e o depois das drogas na aparência de celebridades. Os alunos realizaram uma instalação sobre drogas. Os alunos escolheram o tema sobre cigarros e bebidas alcoólicas e expuseram imagem de acidentes provocados por motoristas embriagados e as imagens de carteiras de cigarro.

O professor Rafael de Mattos Miranda, de Português e Inglês, conduziu uma roda de conversa discutindo a história do livro “Minha vida de droga”, de Walcyrr Carrasco. Depois, realizaram uma dinâmica utilizando o livro “123 perguntas sobre drogas”, de Içami Tiba. Os alunos sorteavam números e liam as perguntas e respostas.

Nas aulas de biblioteca, a professora Ângela Evelise Zimmermann Alves organizou uma dinâmica com os efeitos e consequências das drogas.

FOTOS E ILUSTRAÇÕES



Fonte: Fotografia do Mural 1 – Imagens de pessoas usuárias de drogas, o antes e o depois (Profa. Mariana) e depoimentos de usuários de drogas (Prof. Rafael)



Fonte: Fotografia do Mural 2 – Drogas na escola – o que fazer (Prof. Mário), atletas que foram pegos com doping (Marina) e malefícios do cigarro (Profa. Maria Bernadeti).



Fonte: Fotografia do Mural 3 – O efeito das drogas no corpo humano (Profa. Tamily e Prof. Maurício).



Fonte: Fotografia da instalação sobre drogas realizada na aula de Artes sobre a supervisão da Prof. Mariana.



Fonte: Fotografia da instalação sobre drogas realizada na aula de Artes sobre a supervisão da Prof. Mariana.



Fonte: Fotografia da instalação sobre drogas realizada na aula de Artes sobre a supervisão da Prof. Mariana.

ESCOLA E INTERNET DE MÃOS DADAS NA PROPAGAÇÃO DA LEITURA

Maicon Tenfen

Começamos com uma provocação: será mesmo verdade que a internet, em mais ou menos 15 anos de popularidade, fez mais pelo hábito da leitura do que toda a escola brasileira em um século?

Se pensarmos em termos quantitativos, a resposta pode ser SIM, embora controversa. Na época em que a internet passou a se tornar um utensílio comum nas casas da classe média — isso por volta do ano 2000 —, a grita geral dos professores de Língua Portuguesa e de pedagogos é que a rede acabaria com o que restava dos trabalhos de incentivo à leitura.

Retrospectivamente, podemos reconhecer esse “medo” como uma reação natural do universo escolar ao “novo” e ao “tecnológico”, até porque a verdade, por incrível que pareça, é que a internet, devido ao seu caráter agregador, acabou se transformando num poderoso fórum para leitores que, até então, não tinham com quem trocar as suas experiências de leitura.

Esses leitores a que me refiro, claro seja, estavam e estão mais interessados nos objetos palpáveis da cultura de mercado, a saber, séries de aventura e romance traduzidas do inglês, livros que deram origem a filmes de Hollywood, literatura de fantasia, temas da moda e tudo mais que a escola, tradicionalmente, abomina e repele, talvez por uma simples questão de desconhecimento.

Por outro lado, se pensarmos em termos qualitativos, ou mais precisamente nos textos que compõem a memória cultural brasileira referendada pela tradição escolar (Machado, Alencar e Clarice como exemplos clássicos), a internet se mostra insuficiente e supérflua como mecanismo de propagação.

É aí que está a necessidade da escola, cujo papel se tornou mais importante do que nunca, mormente no sentido de estabelecer uma ponte entre o que já é lido pelos jovens (ou pelo menos veiculado na mídia, o que torna os temas mais familiares) e o que as bibliotecas escolares têm a oferecer.

A chave desse diálogo é o professor. Não apenas o professor de Língua Portuguesa, mas todos os professores da escola. Com o auxílio da figura fundamental do bibliotecário, podem se tornar poderosos agentes propagadores de leitura.

Virar as costas para os produtos culturais de massa não parece ser uma alternativa viável na era da hiperinformação em que vivemos. Precisamos estar abertos ao novo, ao diferente e até mesmo ao supérfluo para que o diálogo com o clássico e o escolar possa se estabelecer de maneira mais saudável e eficiente.

Maicon Tenfen possui graduação em Letras pela Fundação Universidade Regional de Blumenau (1998), mestrado em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Santa Catarina (2002) e doutorado em Teoria Literária pela Universidade Federal de Santa Catarina (2006). Atualmente é professor titular do Fundação Universidade Regional de Blumenau.

LITERATURA NA ESCOLA

Alunos da Ed. Infantil ao 5º ano, professores e equipe gestora da Escola Belchior

O incentivo à leitura foi a peça chave para que o projeto, aqui socializado, surgisse há oito anos, na Escola de Educação Básica Belchior, da rede municipal de Gaspar, SC. Percebia-se que era necessária a aquisição de obras para a biblioteca da escola, assim como que houvesse um movimento para que as crianças tivessem interesse em ler. Sendo assim, no ano de 2008, foi lançado esse projeto com o objetivo principal de seduzir as crianças pelo mundo literário. O projeto envolve todo o corpo docente e discente, bem como as famílias. Várias atividades foram realizadas, entre elas, uma campanha para aquisição de novos livros. Com o passar dos anos, o projeto foi crescendo, com feira do livro, apresentações de teatro, música, dança, contações de histórias. Temos uma biblioteca rica em obras de literatura. Faz parte também do projeto o empréstimo de livros semanais, hora do conto que acontece na última sexta-feira do mês, onde duas turmas ficam responsáveis pela contação e também a confecção de um cofrinho, onde as crianças trazem moedas durante o primeiro semestre. No segundo semestre, compram livros na feira do livro que acontece na escola.

A cada ano, viemos inovando e o movimento vem crescendo. Neste ano de 2016, recebemos a visita de oito instituições de ensino, totalizando o atendimento há mais de 500 crianças. Tivemos quatro tendas temáticas de contação de histórias, uma tenda de teatro de sombras e espaços interativos, onde as crianças podiam interagir, juntamente com seu professor. Usamos como tema “Autores Brasileiros”, trabalhamos com obras de André Neves, Ana Maria Machado, Eva Furnari, Ilan Brenman, entre outros. Na abertura, tivemos o recital de poemas, com convidados especiais que participaram como jurados: a escritora Terezinha Andrade Viacelli, a Secretária de Educação Marlene Almeida e o Diretor do Departamento de Cultura Gabriel Correa. Outras autoridades estiveram presentes, assim como toda a comunidade escolar: pais, alunos, funcionários e a imprensa.

Esse projeto nos mostra o encanto que as crianças têm pela arte em si, eles adoram ler, fazer apresentações de teatro, recitar poemas, dançar, cantar.



Fonte: Fotografia gerada a partir do projeto desenvolvido na escola.



Fonte: Fotografia gerada a partir do projeto desenvolvido na escola.



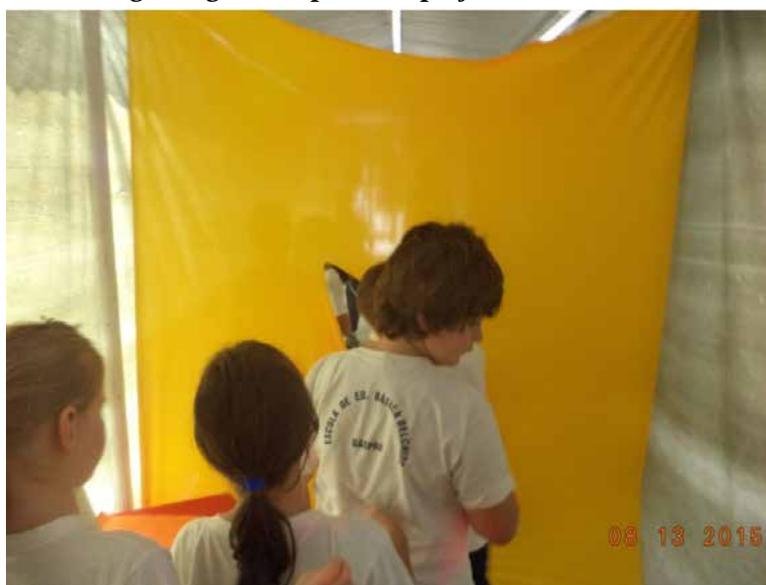
Fonte: Fotografia gerada a partir do projeto desenvolvido na escola.



Fonte: Fotografia gerada a partir do projeto desenvolvido na escola.



Fonte: Fotografia gerada a partir do projeto desenvolvido na escola.



Fonte: Fotografia gerada a partir do projeto desenvolvido na escola.



Fonte: Fotografia gerada a partir do projeto desenvolvido na escola.



Fonte: Fotografia gerada a partir do projeto desenvolvido na escola.



Fonte: Fotografia gerada a partir do projeto desenvolvido na escola.

NAS ASAS DA IMAGINAÇÃO

Ione Deschamps

A Escola de Ensino Fundamental Professor Olímpio Moretto, localizada à Estrada Geral Gaspar Grande, 3345, no bairro Gaspar Grande, atende alunos do primeiro ao quinto ano e tradicionalmente incentiva a leitura e as manifestações culturais de seus alunos.



Fonte: Fotografia tirada da escola.

Em 2015, a escola atendeu a aproximadamente cento e dez alunos com idade entre seis e onze anos de idade, divididos em seis turmas, sendo três no período matutino e três no período vespertino. Os alunos residem no bairro Gaspar Grande e em bairros circunvizinhos, como Coloninha, Gasparinho, Centro e Figueira.

Por acreditar que uma das funções da escola é propiciar o desenvolvimento global da pessoa, tradicionalmente, a escola realiza e participa de eventos que incentivam a leitura, por parte de seus alunos e professores.

Entre os eventos com ênfase na leitura que a escola realiza, merecem destaque a realização anual da Feira Literária e a Mostra de Trabalhos. Já dos eventos em que a escola participa, destacamos a visita a feiras literárias realizadas por outras escolas da rede municipal de ensino, a participação no movimento de leitura na praça e nos recitais de poesia organizados pela Secretaria Municipal de Educação.

Visando o atendimento dos direitos de aprendizagem pertinentes à leitura, em especial a possibilidade de antecipar sentidos, ativar conhecimentos prévios relativos aos textos ouvidos e realizar inferências em textos de diferentes gêneros e temáticas, no início do ano letivo de 2015, os professores e gestores da unidade decidiram que a escola incentivaria a divulgação da literatura infanto-juvenil para deleite.

Assim, ficou combinado que todas as sextas-feiras, na primeira aula de cada turno, seriam realizadas as execuções do hino Nacional Brasileiro e do hino da cidade de Gaspar e, em seguida, os alunos e professores ficariam responsáveis pela leitura de uma ou mais obras literárias para os demais alunos do turno. Ficou definido ainda que as próprias professoras se organizassem e em cada semana uma turma seria a responsável por esse momento.



Fonte: Fotografia tirada dos Alunos ouvindo a leitura.

Na primeira semana de aulas, os alunos foram informados dessa decisão e a primeira leitura foi realizada pela coordenação e professoras.

Os alunos de todas as turmas demonstraram grande interesse pelo movimento e logo se organizaram nas turmas para as leituras. Como a participação foi grande, os alunos sugeriram que eles mesmos fossem responsáveis pela organização de quem realizaria a leitura. A sugestão foi acatada, concretizando-se conforme as expectativas dos alunos, professoras e coordenação.

O movimento passou então a ter uma apresentação semanal de cada turma e os alunos passaram a realizar não apenas leituras dos mais diversos gêneros textuais, mas também a apresentação de músicas trabalhadas em sala, músicas de seu interesse e até mesmo algumas apresentações de coreografias idealizadas e ensaiadas por eles próprios.

O entusiasmo e a participação dos alunos foram tão contagiantes que mobilizaram a realização de leituras por parte do diretor, da coordenadora pedagógica, além dos alunos e professores.



Fonte: Fotografia da Apresentação de músicas pelos alunos do 2º ano.

Em função das ações acima descritas, podemos considerar que o movimento foi um sucesso, pois além de despertar o interesse de todos pela leitura, estimulou atitudes de autonomia por parte dos alunos, buscando interagir com as atividades propostas pela escola, bem como adequá-las a seus interesses pessoais.



Fonte: Fotografia da Leitura aluna Julia Isensee – 4º ano.

SESSÃO DE ORATÓRIA: UMA ATIVIDADE DISCURSIVA DE LETRAMENTO ESCOLAR

Márcia Maria Junkes

A escola tem papel fundamental na contribuição das mudanças sociais. É, em grande parte, na escola que um sujeito se constitui como ser pensante e questionador; o que o diferenciara para seu desenvolvimento intelectual, profissional, emocional e social. Também é na escola que os educandos despertam seus potenciais criativos, talentos e, acima de tudo, a expressão da subjetividade.

A fala e a escrita pertencem à língua e fazem parte dos estudos de todo o período de escolarização de um sujeito. É imprescindível para a convivência no mundo pós-contemporâneo que se saiba se expressar bem perante diferentes situações de interação, como nas relações de trabalho e estudo, por exemplo. Sabe-se de inúmeras situações em há vagas de interessantes postos de trabalho, porém, não há candidatos com os requisitos básicos para preenchê-los porque não dominam a boa expressão oral ou escrita.

Na percepção desse contexto que iniciou a atividade de incorporar na E. E. Básica Norma Mônica Sabel, no currículo dos 8º e 9º anos do ensino fundamental, nas aulas de Língua Portuguesa, o conteúdo de Oratória. A atividade intitulada de **Sessão de Oratória** vem sendo desenvolvida desde o segundo trimestre do ano de 2014. Inicialmente, com o objetivo de atender à necessidade emergente de uma turma de 9º ano que necessitava de preparação para falar em público e, atualmente, em 2015, com turmas desde o 8º ano com o objetivo de aproximar o que preconiza a proposta curricular de Gaspar no que apresenta sobre conceitos procedimentais e atitudinais, como “desenvolver capacidades: de ação;[...] discursivas; linguístico-discursivas (dominar as operações psicolinguísticas e unidades da linguagem) a fim de se inserir nas práticas de leitura e escrita.” (GASPAR, 2013, p. 115).

No planejamento docente da disciplina de língua portuguesa, a atividade de oratória é contemplada conforme apresentado na proposta curricular do município, “dentro da perspectiva de que o letramento, ou seja, os usos sociais da leitura e da escrita, é um compromisso que deve ser assumido por toda a escola em seu letramento caracterizado como escolar [...]” (GASPAR, 2013, p.116).

As sessões de oratória ocorrem a cada trimestre nas aulas de língua portuguesa. São organizadas de forma que participam todos os educando da turma, sejam como oradores, discursistas, críticos ou organizadores das temáticas culturais. Como as turmas têm em média 20 estudantes, dois terços se envolvem com atividades de falar em público e um terço com a organização da apresentação que requer recursos de som, imagem, customização de cenário, apresentações culturais entre outros.

Para cada apresentação, é planejado um tema geral que está articulado com algum conteúdo da disciplina ou outra temática oriunda de atividade interdisciplinar. Desse tema geral, são construídos, em média, seis discursos com diferentes sub-temas. A cada discurso apresentado, um crítico faz suas arguições e avaliação do tema e do desempenho comunicativo. Durante a sessão de oratória, os cerimonialistas responsáveis incluem apresentações culturais relacionadas ao grande tema, como poesias, jograis, apresentações musicais, convidados/profissionais relacionados às temáticas em debate, entre outros.

A apresentação é realizada para a comunidade escolar, como outras turmas e seus professores, familiares e convidados. Depois é divulgada no blog da escola como registro e socia-

lização da atividade pedagógica. Também, após a apresentação, é realizada uma autoavaliação entre toda a turma para discutir o desempenho dos educandos e decidir a temática e os participantes da próxima apresentação de oratória, de forma que possa ser contemplado no planejamento.

Na primeira sessão de oratória realizada no segundo trimestre de 2014, a turma do 9º ano matutino preparou os discursos a respeito do grande tema “intercâmbio”. Os sub-temas aludiram sobre instituições que promovem intercâmbio estudantil, procedimentos necessários para se inscrever em um programa, relatos de experiências de alguns intercambistas, tipos de intercâmbios, entre outros. Na ocasião, foi convidada uma aluna egressa da escola que havia se formado em 2008 e que tinha realizado, recentemente, um intercâmbio para a Espanha, para relatar como foi a experiência.

No ano seguinte, com a continuidade dos trabalhos, outros temas foram tratados pelas turmas 801 e 802 matutinas. Foi destaque a sessão de oratória que discutiu o tema “Adolescência”, cujos sub-temas abordaram as dificuldades de relacionamento familiar nessa fase da vida, namoro, identidade, tecnologias, perspectivas para a vida futura, entre outros. Nessa sessão, os alunos apresentaram, além dos discursos e críticas, músicas tocadas e cantadas por eles mesmos e declamação de poesias.

Como resultado esperado e, em parte, já alcançado dessa prática pedagógica, considera-se a capacidade do educando em ampliar a sua comunicação pessoal, postura corporal, bem como o fortalecimento das habilidades de leitura e interpretação que proporcionam competências para o desenvolvimento educacional, social e futuro profissional.

Tanto o educando que assume o papel de discursista quanto aquele que está na plateia passam a assumir posturas e comportamentos diferenciados dentro do ambiente escolar. Passam a entender que aquele que domina um discurso persuasivo tem mais chance de exercer poder. Entendem assim com mais facilidade aspectos das interações humanas nas quais aqueles que apresentam qualidade em suas falas, boa entonação, segurança e domínio discursivo têm mais chance, destacam-se publicamente e são merecedores de respeito (JUNKES, 2009).

É imprescindível que os futuros adultos que hoje estão em processo de escolarização saibam se expressar bem perante diferentes situações, principalmente, porque serão eles os profissionais da próxima geração. Por isso, as aulas de língua portuguesa não podem privilegiar apenas o ensino da metalinguagem com aulas de regras da língua padrão e sim, o letramento como um todo, dando ênfase também as práticas de oralidade. Dessa forma, que se possa usar a língua em diferentes situações de interação, diversificando os gêneros textuais a todas as finalidades comunicativas e diferentes interlocutores.

REFERÊNCIA

GASPAR. SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. **Proposta Curricular para Pré-adolescência e Adolescência no Ensino Fundamental de Nove Anos**. SEMED, Gaspar, 2013

JUNKES, Márcia Maria. **Metodologia para o ensino de Língua Portuguesa**. Uniasselvi: Indaial, 2009.

PROJETOS EDUCACIONAIS E ALFABETIZAÇÃO

Celina Adelaide Sansão Spengler

Nas turmas de alfabetização, a prioridade é o domínio da leitura e da escrita, principalmente, relacionado às práticas sociais. Uma das estratégias pedagógicas que vem se destacando no período de alfabetização realizados pelos educadores é a realização de projetos com enfoque na ampliação da aprendizagem de forma mais participativa e inclusiva.

Nas duas turmas de 1º ano dos anos iniciais da educação básica da E.E.B. Norma Mônica Sabel, durante o ano de 2015, foram realizadas inúmeras atividades para a alfabetização e letramento dos estudantes com base no projeto: **Os cactos na escola**. A educadora professora Celina reorganizou o currículo daquelas turmas e desenvolveu uma atividade bem inusitada e de grande aproveitamento para melhorar o nível de rendimento de seus educandos.

Inicialmente, a professora trouxe para sua sala de aula uma variedade de CACTOS para harmonizar o ambiente. Os alunos dos 1ºs anos ficaram muito curiosos para conhecer mais de perto estas plantas. E, assim, durante a aula, na dinâmica da roda de conversa, houve muitos questionamentos sobre a planta, o que proporcionou uma pesquisa na sala de informática em alguns sites especializados para conhecer e observar as mais variadas imagens de CACTOS. O trabalho foi tão interessante que se estendeu para as famílias, o resultado foi surpreendente, os alunos trouxeram muitas imagens, textos, curiosidades e exemplares da planta para apresentar e expor aos colegas.

Foi muito produtivo, iniciou no mês de março de 2015, fazendo-se uma instalação com várias espécies de cactos, próximo à sala de aula. Para tanto, as famílias foram fornecendo as mudas para plantar e cultivar na escola. Restaurou-se um vaso grande cedido pelos diretores da escola para plantar e observar o desenvolvimento de cada uma das espécies, conforme apresenta-se na imagem abaixo:



Imagem 1 –Instalação com espécies de cactos

Descobriu-se, nas pesquisas, que o CACTOS pode se desenvolver em vários ambientes. A exposição contou com vários objetos, como: mesinhas, cadeiras, bancos, armários em madeira e outros para montar uma instalação identificando os vários ambientes onde os cactos podem se adaptar. Para completar, as atividades de alfabetização que foram desenvolvidas pelos estudantes foram compondo a mostra de forma que as tarefas ficaram penduradas em uma árvore seca, que intitulou-se de: ÁRVORE DO SABER.

Outras atividades envolvendo o projeto foram desenvolvidas no dia a dia daquelas turmas de alfabetização. Houve um destaque especial para a aquisição da leitura e da escrita por meio da produção de texto coletivo, que mais tarde transformou-se em uma paródia. Depois, a elaboração de poesia e finalizando com uma peça teatral.

Grande parte das atividades foram apresentadas à comunidade escolar em forma de exposição permanente. Como resultados alcançados, houve a descoberta de vários talentos na leitura, na escrita, nos jogos, na música, na escultura, na pintura, no desenho, no mosaico, constituindo, assim, o educando em um sujeito mais crítico e construtivo no seu processo de construção do conhecimento. A finalização do projeto ocorreu no início do último trimestre com uma apresentação ao público escolar e familiar no auditório da escola, conforme a imagem abaixo:



Imagem 2 – Apresentação no auditório

Fonte: Elaborado pela autora, 2015.

AVALIAÇÃO: PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM OU DE ENSINAGEM⁶?

*Márcia Maria Junkes
Valéria Castanho Rohr*

Dialogar sobre o tema avaliação de aprendizagem escolar parece ser um assunto aparentemente redundante e esgotado. Na E.E.B. Norma Mônica Sabel, todavia, percebeu-se a necessidade de rediscutir com o grupo docente do ensino fundamental II as concepções de avaliação nos últimos 3 anos e, ainda, constatou-se grandes arestas a serem aparadas.

A razão determinante para a escolha desse tema foram os baixos resultados de rendimentos das turmas de 6º a 9º ano da referida escola. Inicialmente, frente a essa situação, a coordenação pedagógica da escola investiu em trabalhar temas como currículo e metodologia, incentivando fortemente em projetos interdisciplinares e procedimentos metodológicos variados. Os resultados desse trabalho foram enriquecedores para a prática docente, todavia, não deram conta de melhorar o desempenho dos estudantes. Assim, iniciou-se um estudo de caso mais aprofundado, ou seja, a coordenação passou a investigar individualmente a atuação dos professores, a fim de compreender suas fragilidades, para buscar redirecionar a ação do grupo e sanar suas carências.

Antes de relatarmos os encaminhamentos adotados, os procedimentos organizados e as fragilidades do processo, é importante provocar uma breve reflexão histórica sobre o tema, para melhor compreender através do tempo, as relações da escola com as políticas educacionais e a sociedade.

São diversos os arcabouços teóricos que comentam sobre professores repetirem modelos inconscientes e automáticos na prática da avaliação da aprendizagem escolar. A primeira Lei de Diretrizes e Bases no Brasil (nº 4024 de 20/12/1961) dava abertura para que nas escolas que os alunos não alcançassem o sucesso escolar durante o ano letivo, tivessem uma outra chance para repetir suas avaliações. O aluno se comprometia a estudar com seus próprios recursos e professores particulares. E, nas férias, era aplicado o exame, um teste. Uma década depois, no ano 1971, a lei (nº 5692 de 11/08/1971) trouxe uma pequena inovação para as avaliações, uma oportunidade de recuperação paralela, que poderia ser realizada no final de cada bimestre. Somente a nova LDB (nº 9394 de 20/12/1996) adota a postura de “escola inclusiva”, nesta perspectiva, o objetivo é de que a “Escola é para Todos”, que deve ser inclusiva e jamais exclusiva, que a finalidade magna da Escola é a socialização do indivíduo e a prática da preparação para cidadania, não percebendo mais o sujeito como objeto.

Dessa forma, os métodos de avaliar esses indivíduos necessariamente deveriam ser repensados. E, o desafio estava lançado: como professores e professoras escolarizados e formados na mentalidade das Políticas Educacionais até 1971 dariam conta dessas novas concepções educacionais de 1996?

Quase 20 anos depois, observa-se, através de uma amostra de pesquisa realizada com profissionais da Rede Municipal de Gaspar, que seus critérios de avaliação, assim como os instrumentos e práticas avaliativas, não estão condizentes com as atuais diretrizes. Ainda não

⁶ O termo ensinagem é tomado aqui pelo fazer docente. O termo é recorrente na literatura para fazer uma analogia entre ensinar e aprender.

está claro para os profissionais da educação que a escola de hoje deve dar conta de ser inclusiva, de avaliar o estudante a partir do nível de conhecimento em que se encontra, ou seja, da maturação, da bagagem de conhecimentos que traz consigo, do contexto que o mesmo está; e, da defasagem escolar, resultado de anos anteriores, nos quais os conceitos não foram internalizados e generalizados.

Encontramos uma forte fragilidade nesse sentido, em que a escola desejada é aquela em que os estudantes precisam o mínimo de mediação, que andam por si mesmo, que seria privilégio de poucos. Werneck (2002) faz uma analogia com relação a essas situações e contribui para com uma reflexão, ele compara a escola a um hospital, lembrando que, quem necessita de hospital são os doentes, e quem precisaria de escola são os estudantes, aqueles que apresentam dificuldades de aprendizagem. Do contrário, “Se a boa escola é a que reprova, o bom hospital é o que mata” segundo Hamilton Werneck (2002).

Conseqüentemente, as avaliações devem sinalizar ao professor a situação atual do estudante para que sejam criados mecanismos para melhor auxiliar e avançar para o sucesso escolar do mesmo. Dessa forma, a temida avaliação deixa de ser de caráter excludente, classificatória e pontual, passando a ser um trampolim para o progresso do estudante.

As reflexões, estudos e debates nas reuniões pedagógicas e nos encontros de orientação com o grupo docente partiu do seguinte princípio: Como estou avaliando meu estudante? O que devo avaliar? Quando avaliar? De que maneira devo e posso avaliar? Ao longo desses três anos de estudos sobre avaliação, utilizou-se como embasamento teórico os autores Moretto (2005) e Luckesi (2011). Como resultado, após longas discussões sobre o tema, buscou-se identificar, através da revisada Taxonomia de Bloom do autor Anderson et. al (2001), os níveis de conhecimento que os estudantes podem apresentar; e, a partir disso, como elaborar os instrumentos avaliativos coerentes.

Moretto (2005) apresenta em seu livro: “Prova um momento privilegiado de estudo, e não um acerto de contas” diversos exemplos de como construir questões operatórias⁷ que exigem um raciocínio complexo e que articula as habilidades desenvolvidas para a realização de competências cognitivas. Com base nos modelos do autor e comparando os modelos encontrados na escola, nas diversas disciplinas, iniciou-se os estudos comparativos, de reflexão e de recriação dos instrumentos de avaliação, que solicitava aos professores uma outra prática, principalmente sobre a prova operatória. O corolário deste trabalho colaborativo tem apresentado resultados bastante positivos, e validando ao grupo um amadurecimento e consistência ao tema abordado. Nossos estudantes têm obtido melhores rendimentos nas avaliações internas e externas no decorrer deste período analisado. Atualmente, o grupo de docentes mostra-se mais seguro e preparado para disseminar seus novos conhecimentos teóricos e práticos aos demais colegas de profissão.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, L.W.; KRATHWOHL, D.R.; AIRASIAN, P.W.; CRUIKSHANK, K.A.; MAYER, R.E.; PINTRICH, P.R.; RATHS, J.; WITTRICK, M.C.; **A taxonomy for learning, teaching, and assessing:**

ANDERSON, L. W. Rethinking Bloom's Taxonomy: implication for testing and assessment. Columbia: University of South Carolina, 1999.

LUCKESI, Carlos Cipriano. **Avaliação da aprendizagem escolar:** estudos e proposições. São Paulo: Cortez, 2011.

⁷ Questões operatórias ou prova operatória diz respeito à capacidade do aluno, de posse de conteúdos básicos e, a partir deles, saber pensar, argumentar, contrapor. OPERAR. Enfim, tais conteúdos partem da leitura, compreensão e interpretação de questões.

MORETTO, Vasco. **Prova**: um momento privilegiado de estudos, não um acerto de contas. 6ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005

WERNECK, Hamilton. **Se a boa escola é a que reprova, o bom hospital é o que mata**. 8 edição. Rio de Janeiro: DPeA, 2002.

PROJETO GELOTECA

Mayara Regina Emílio

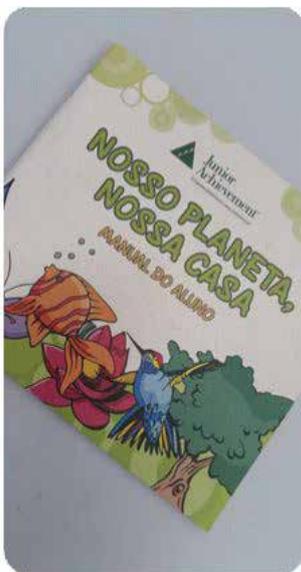
O projeto socializado neste texto iniciou na Escola de Ensino Fundamental Augusto Schramm, localizada no bairro Macuco na cidade de Gaspar, sendo esta Unidade de Ensino uma escola de campo, multisseriada. O projeto teve por objetivos:

- Estimular nos alunos o gosto pela leitura;
- Ampliando o repertório através da linguagem;
- Incentivando a leitura e a criatividade, visando desenvolver potencialidades de comunicação, o prazer de ouvir e fazer leitura de livros infantis e ampliar;
- Estimular o universo da leitura, desenvolvendo o hábito de ler diversos textos.

É necessário que a leitura se torne uma prática cotidiana e aliciante. Poderíamos comparar ao ato de aprender ao ato de andar de bicicleta. Neste, a criança deposita todas as suas atenções e prioridades, porque se tornou uma necessidade pessoal e um projeto significativo.

Para que consiga uma leitura sólida e prazerosa, é importante que a criança compreenda a função da leitura e, especialmente, o porquê de ela querer aprender. Essa fase deverá estar bem consolidada à entrada da escola, mas terá de ser um trabalho contínuo. Esse processo de estímulo à aprendizagem da leitura não é inato, nem se ensina, mas nasce e consolida-se ao longo da prática cotidiana.

O projeto Geloteca surgiu através de um projeto anterior chamado “*Nosso planeta, nossa casa*”, que tem por objetivo conscientizar as crianças da necessidade de preservação do meio ambiente.



Fonte: Fotografia tirada a partir do desenvolvimento do projeto na escola.



Fonte: Fotografia tirada a partir do desenvolvimento do projeto na escola.

Conforme o projeto anterior, as crianças aprenderam a importância da reciclagem e a seleta de lixo. Com isso, unimos a leitura à reciclagem e fomos em busca de uma geladeira para criarmos a nossa “Geloteca”, uma geladeira sem utilidade se transformaria em uma biblioteca. Confeccionamos nossa Geloteca com gibis e criamos um logo para ela.



Fonte: Fotografia geradas a partir do trabalho da Geloteca.

Resultados alcançados

Com o desenvolvimento desse projeto, foi possível observar mudanças atitudinais em relação à leitura, aos livros, à biblioteca, à escola, às aulas. Foi possível também verificar avanços na capacidade leitora e escritora nas crianças. Caracteriza-se, assim, a construção de uma nova forma de produzir conhecimento, orientando-se na direção de uma ação interdisciplinar, já que o aluno desempenhará o papel de sujeito no processo de aprendizagem, quando escolhe, observa, lê, seleciona, fala e escreve sobre um conhecimento criado e difundido pela escola.

Com isso, notou-se que o espaço escolar contribui para um espaço comunitário e participativo, inserindo a escola no mundo. Os objetivos foram alcançados na medida em que as crianças utilizam a biblioteca. Isto tornou-se uma ação no cotidiano das mesmas, uma real necessidade que foi avaliada de forma processual e formativa.



Fonte: Fotografia gerada a partir do envolvimento das crianças com a leitura.

“Quando mais cedo a criança tiver contato com os livros e perceber o prazer que a leitura produz, maior será a probabilidade de se tornar um adulto leitor”.

Simone H. D. Ischkanian